

# A Beleza da Providência de Deus

**05**

**ATUALIDADE**

Por que razão  
os Evangélicos  
americanos  
estão  
obcecados com  
Israel?

**10**

**TEOLOGIA**

Os Profetas  
e o Sábado  
(Parte II)

**40**

**ESPAÇO JOVEM**

E se os jovens  
forem o  
presente da  
Igreja?

PUBLICADORA SERVIR  
JUNHO 2025  
N. 937 | ANO 86



**“Eis que cedo venho.”** A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES  
**assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Ligação Visual**  
Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC  
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

## junho

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	[9]	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
[29]	[30]	1	2	3	4	5

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**6-8** CONGRESSO DO MINISTÉRIO ADVENTISTA DAS POSSIBILIDADES

**7** II JORNADA DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO

**10** PIQUENIQUE NACIONAL  
25 ANOS – ADRA

**14 e 15** IDE (FORMAÇÃO NA ÁREA DOS MINISTÉRIOS PESSOAIS)

**14 e 15** EFJA NÍVEL I (ILHAS)

**21-28** CAMPANHA NT – VOZ DA ESPERANÇA

**22** FORMAÇÃO SAL

**30** VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

**2-6** FACULDADE DE SAGUNTO (SPU)

**9-13** CASA PUBLICADORA  
ADVENT-VERLAG (NGU E SGU)

**16-20** UNIÃO BÚLGARA (BGU)

**23-27** CENTRO HOPE MEDIA (ATU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[9] SEGUNDA-FEIRA

[30] SEGUNDA-FEIRA

### [C] CAMINHOS

[29] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

## julho

D	S	T	Q	Q	S	S
29	30	1	2	3	4	5
6	[7]	8	9	10	11	12
13	14	15	16	[17]	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31	1	2

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**3-6** ACAMPAMENTO LOGOS

**10-13** ACNAC REBENTOS

**20-27** ACNAC TIÇÕES

**28** VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

**27/7-3/8** ACNAC EXPLORADORES

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

**30/6-4/7** UNIVERSIDADE ADVENTUS DE CERNICA (ROU)

**7-11** SESSÃO DA ASSEMBLEIA DA CONFERÊNCIA GERAL EM ST. LOUIS, EUA (CG)

**14-18** ESCRITÓRIOS NACIONAIS DA ADRA (EUD)

**21-25** CASA PUBLICADORA ROMENA (ROU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[7] SEGUNDA-FEIRA

[17] QUINTA-FEIRA

# Índice

## 04

### EDITORIAL

Quando a profecia se faz compaixão

## 05

### ATUALIDADE

Por que razão os Evangélicos americanos estão obcecados com Israel?

*Uma perspetiva religiosa sobre a política externa dos EUA.*

## 10

### TEOLOGIA

Os Profetas e o Sábado De Isaías a Ezequiel (Parte II)

*Uma teologia profética do Sábado.*

## 22

### TESTEMUNHO

Caminhos Cruzados

*Um encontro promovido pela providência de Deus.*

## 26

### GRAVADO NA PEDRA

Estará o segredo da localização da Arca de Noé guardado num mapa babilónico?

*Um interessante contributo da Assiriologia para a busca pela Arca de Noé.*

## 31

### OLHOS NOS OLHOS

António Oliveira Tostes

*Conheça o responsável pelo desenvolvimento da Rede Novo Tempo.*

## 37

### MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Mordomia: A Inteligente Gestão da Vida

*Uma perspetiva alargada da Mordomia Cristã.*

## 40

### ESPAÇO JOVEM

E se os jovens forem o presente da Igreja?

*Uma pergunta respondida pelos próprios jovens.*

## 43

### HISTÓRIA ADVENTISTA

Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal (Parte V)

*O fim da saga sobre a origem do Adventismo no Norte.*

## 48

### PÁGINA DA FAMÍLIA

Um narcisista na família

*Saiba como identificar e enfrentar o narcisismo.*

## 50

### HERÓIS DA BÍBLIA

Enoque, o amigo de Deus que subiu ao Céu

*Fica a conhecer a história do primeiro homem que não morreu!*





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

## Quando a profecia se faz compaixão

A Bíblia está cheia de promessas sobre o futuro – e, como Adventistas, valorizamos profundamente a esperança profética. Aguardamos o regresso de Jesus; cremos no Juízo final; ansiamos pelo Novo Céu e pela Nova Terra. No entanto, no meio desta esperança escatológica, o Evangelho convida-nos a um compromisso muito terreno: **Amar o próximo!**

Na Parábola do Bom Samaritano, Jesus apresenta um modelo surpreendente de espiritualidade prática. Três homens passam por um ferido à beira do caminho. Dois deles, profundamente religiosos, mantêm distância. Apenas o terceiro – um Samaritano – vê, sente compaixão e age. Ele interrompe a sua viagem, aplica remédios, carrega o ferido e cuida dele. Ele não recita profecias – ele incarna o amor.

É fácil entusiasmar-nos com eventos futuros. Mas o verdadeiro reflexo da nossa fé está na forma como vivemos o **presente**. Jesus ensinou que o critério final do Juízo envolverá gestos simples: Dar de comer, visitar, acolher, vestir, cuidar. O Reino de Deus é visível quando **o amor se torna ação**.

“O que o Samaritano fez ajuda-nos a entendermos melhor o que significa ‘mostrar misericórdia’ (Lucas 10:37) e também ilustra o ministério de Jesus Cristo. O Samaritano identificou-se com as necessidades do estrangeiro e teve compaixão dele. Não havia razão lógica para que ele reorganizasse os seus planos e gastasse o seu dinheiro apenas para ajudar um ‘inimigo’ em necessidade,

mas a misericórdia não precisa de razões.”<sup>1</sup>

Como Igreja, somos chamados a viver com os olhos no Céu, mas com os pés firmes no chão. A vigilância espiritual não é incompatível com a sensibilidade social. Ser fiel à esperança profética implica estarmos atentos à dor humana à nossa volta.

“De quem posso ser próximo?” Esta pergunta não tem nada a ver com geografia, cidadania ou raça. Onde quer que as pessoas precisem de nós, lá podemos ser próximos, e, como Jesus Cristo, demonstrar misericórdia.”<sup>2</sup> “O nosso próximo é todo aquele que é propriedade de Deus.”<sup>3</sup>

Muitas vezes, o que o mundo mais precisa não é de explicações, mas de presença. De alguém que pare, veja, ouça e estenda a mão. A mensagem do Evangelho não se mede pelo volume das palavras, mas pela profundidade da compaixão.

Porque não fazer uma pausa intencional na sua agenda para se aproximar de alguém?! Escute. Sirva. Cuide. E lembre-se: O que plantamos, hoje, com amor será colhido na eternidade, com alegria!

**1**

Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary*, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1996), p. 212.

**2**

Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary*, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1996), p. 212.

**3**

Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Sabugo: Publicadora SerVir, 2017), p. 453.



# Por que razão os Evangélicos americanos estão obcecados com Israel?

O que une a Fé Evangélica americana a Israel?

---

Emma Dyer  
*Escritora free-lancer*

*Adaptado da Revista Signs of the Times australiana de maio de 2025.*

Já se passaram mais de vinte anos desde que visitei Jerusalém numa visita de grupo com a minha igreja neozelandesa. Ao deambularmos pelos mercados da Cidade Velha, enquanto experimentávamos regatear e comprar prendas e lembranças, houve uma coisa que realmente me surpreendeu. Em muitas tendas havia mercadorias com bandeiras americanas, *logos* com a frase “Israel ama a América”, e, mesmo, retratos de aviões da Força Aérea norte-americana.

Ficou claro que eu, como Neozelandesa, não era o seu tipo de cliente-alvo, mas estes lojistas não tinham escrúpulos em venderem os seus bens a milhares de turistas norte-americanos que visitam Israel todos os anos. Esta minha experiência foi um amplo e chocante lembrete da complexa relação existente entre Israel e os Estados Unidos da América.

Enquanto a guerra continua a decorrer no Médio Oriente, é interessante notar como os Cristãos norte-americanos, em especial os Evangélicos, se tornaram numa importante força motriz na política externa norte americana. Muitos Cristãos nos Estados Unidos da América são fortes

**Cerca de um terço dos Evangélicos provavelmente colocará a política de Israel no centro da sua decisão eleitoral.**



apoiantes do Estado de Israel – e esse apoio evangélico tem um enorme impacto na relação global dos Estados Unidos da América com Israel. Donald Trump caracteristicamente acelerou o seu discurso num comício dirigido aos seus apoiantes em Oshkosh, Wisconsin, em 17 de agosto de 2020, quando declarou: “Nós mudámos a capital de Israel para Jerusalém. Isto é para os Evangélicos. Os Evangélicos estão mais entusiasmados sobre isso do que o povo judeu.”

Embora os Cristãos Evangélicos sejam apenas 14 por cento da população dos EUA, eles compõem um terço das bases do Partido Republicano. Elizabeth Oldmixon, uma cientista política da Universidade do Norte do



Texas, que estuda os Evangélicos e a sua relação com Israel, estimou que cerca de um terço dos Evangélicos provavelmente colocará a política de Israel no centro da sua decisão eleitoral. Eu já me interroguei sobre a razão por que os Americanos, particularmente os Evangélicos, se contam entre os apoiantes mais decididos de Israel, e descobri que, para muitos deles, o seu investimento em Israel é orientado pela sua compreensão da Bíblia, e, em particular, pela sua interpretação da profecia sobre os eventos finais.

Uma das interpretações mais chamativas foi popularizada pela série de livros *Left Behind* (*Deixados para Trás*), escritos por Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins. Estes livros tornaram-se

campeões de vendas do *New York Times*, e foram também transformados em filmes no início dos anos 2000. O acontecimento-chave nestas histórias é o “Arrebatamento Secreto”, quando todos os verdadeiros Cristãos do mundo desaparecem (levados para o Céu). Esta perspetiva sobre a profecia é designada “Dispensacionalismo”. Ela considera que a restauração do Estado Judeu em Israel é uma das peças de dominó que tem de cair antes do Arrebatamento, dos sete anos de tribulação, da reconstrução do Templo de Israel, da Batalha do Armagedon, e, finalmente, do regresso de Jesus e dos Seus crentes para reinarem sobre a Terra por mil anos. Os Evangélicos sentem que o seu papel é trabalhar e orar pela paz de Jerusalém. Os Dispensacionalistas sustentam uma perspetiva “Pré-milenarista” – isto é, que Jesus regressará antes do Milénio (1000 anos). Outra perspetiva sustentada por um crescente número de Evangélicos é a da teologia “Pós-milenarista Reconstrucionista”. Estes creem que a Igreja implementará o Reino de Deus ao reconstruir a Sociedade através de ativismo social e político. Eles veem a América, em particular, como sendo a chave para a vinda do Milénio de paz e de prosperidade, de fé e de justiça, antes do regresso de Jesus. Aos Reconstrucionistas Cristãos vêm juntar-se os defensores do Evangelho da Prosperidade, que acreditam que o tempo do “Reino” (de Deus) é agora e que as promessas de prosperidade ligadas ao Milénio podem ser experimentadas no presente.

O Evangelho da Prosperidade procede da tradição pentecostal, e os seus

adeptos também tendem a ser pró-Israel – mas por razões muito diferentes dos Dispensacionalistas. Eles ligam o apoio a Israel à sua teologia ao crerem que Deus nos abençoará na medida em que nós abençoarmos Israel. Esta ideia é baseada no versículo de Gênesis 12:3, onde Deus diz a Abraão: “Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.” Dado que Israel é um aspeto-chave tanto para a perspectiva Pré-Milenarista como para a perspectiva Pós-Milenarista, sustentadas pelos Evangélicos americanos, eles estão muito motivados para usarem o seu ativismo político a fim de apoiarem Israel.

### **Então, o que diz a Bíblia sobre o Milénio?**

A palavra “Milénio” não é usada na própria Bíblia, mas é um termo usado para referir o período de 1000 anos descrito em Apocalipse 20. Este capítulo é o único que descreve o Milénio bíblico. Por esta razão, qualquer informação sobre os acontecimentos do Milénio deve ser derivada primeiramente deste texto. Em Apocalipse 20, dois eventos-chave são descritos como acontecendo durante os 1000 anos.

Primeiro, Satanás é acorrentado e torna-se incapaz de enganar as nações (que foram para o Céu), e, em segundo lugar, os crentes que foram ressuscitados na primeira ressurreição (que ocorre na Segunda Vinda de Jesus) sentam-se em tronos para julgar. Eles são designados “sacerdotes”, e reinam com Cristo.

Em lado algum este capítulo diz que este Reino com Cristo ocorrerá na Terra ou em Israel, como creem os

Dispensacionalistas, nem afirma que ele está a acontecer espiritualmente na Terra na nossa época, como creem os Pós-Milenaristas. É a ressurreição que ocorre na Segunda Vinda de Jesus que permite aos Seus seguidores irem ao Seu encontro nas nuvens, como declara o apóstolo Paulo, em I Tessalonicenses 4:16 e 17: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.”

Antes de Jesus ter regressado ao Céu, Ele assegurou aos Seus discípu-



los que “na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (João 14:2 e 3).

Estes crentes ressurretos são descritos em Apocalipse 20 como sendo aqueles que “viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”, mas no Céu, não na Terra. Só depois dos mil anos é que Deus e o Seu povo regressam à Terra, Satanás é destruído e “Deus habitará com eles” (ver Apocalipse 20:5, 9; 21:2 e 3).

No fim dos mil anos, Apocalipse 20:5 diz-nos que o resto dos mortos voltará à vida – isto é, aqueles que não foram ressuscitados na Segunda Vinda de Jesus. Mas, antes de eles serem ressuscitados para receberem a sua destruição final, Apocalipse 20:12 descreve uma cena de tribunal: “Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram os livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.” Este Juízo ocorre durante o Milénio, enquanto os membros do povo de Deus estão a reinar com Jesus no Céu como juizes e sacerdotes. Antes da destruição final do pecado, dos pecadores e de Satanás, há um tempo de Juízo, e serão Jesus e o Seu povo a realizar esse Juízo. É um processo que permitirá a todos verem que Deus é justo e amorável no Seu modo de lidar com os pecadores. É uma vindicação final do carácter de Deus.

## **Antes da destruição final do pecado, dos pecadores e de Satanás, há um tempo de Juízo, e serão Jesus e o Seu povo a realizar esse Juízo.**

Apocalipse 20:15 diz: “E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro no lago de fogo”, que, como explica o versículo anterior, “é a segunda morte” (uma morte final e definitiva). Os Adventistas do Sétimo Dia encontram-se entre os poucos Cristãos que creem nesta interpretação particular de Apocalipse 20. Eles sustentam uma perspectiva Pré-Milenarista (o Milénio ocorre depois do regresso de Jesus), mas enfatizam que o Milénio não acontece na Terra, em Israel. Em vez disso, o Reino milenar do povo de Deus será no Céu.

Esta perspectiva sobre o Milénio está mais preocupada com uma revelação do amorável carácter de Deus e com o modo como cada ser humano recebe a liberdade para escolher ou rejeitar o Senhor. Ela revela a total transparência de Deus no Juízo e permite que todos vejam que Ele respeitou as escolhas livres de cada indivíduo, e que Ele é amorável, misericordioso e justo em todas as Suas relações com a Humanidade.

# Os Profetas e o Sábado

## *De Isaías a Ezequiel (Parte II)*

Neste artigo, iremos continuar a estudar em pormenor a noção que os Profetas de Israel tinham do Sábado enquanto instituição divina.



Paulo Lima  
*Editor da Revista Adventista*

## Introdução

Tendo nós já constatado o significado teológico do Sábado no *Pentateuco* numa anterior série de artigos, convém também que tenhamos consciência do que os Profetas hebreus disseram sobre o sétimo dia sob inspiração do Espírito Santo. De facto, a importante informação que os livros proféticos nos comunicam sobre o Sábado vem complementar a informação oferecida pelo *Pentateuco*. A revelação dos Profetas sobre o Sábado fortaleceu a apreciação do povo de Israel pelo sétimo dia. Assim, o Sábado ganhou relevo na fé hebraica, tanto no que toca aos dogmas teológicos, como no que diz respeito às práticas religiosas. Este facto tem levado a maioria dos teólogos cristãos a considerar que a guarda do Sábado seria apenas um elemento exclusivo da fé judaica. No entanto, tal conclusão é um erro, como já demonstrámos no nosso primeiro artigo sobre *Os Profetas e o Sábado*<sup>1</sup> e como demonstraremos também neste segundo artigo. De facto, nesta série de dois artigos, estudamos em pormenor a ideia que os Profetas hebreus tinham do Sábado enquanto instituição divina.

No primeiro artigo, estudámos os textos de Isaías 56:1-8; 58:13 e 14; e 66:23, tendo mostrado que (1) na Aliança renovada entre Deus e o Seu povo, a obrigação de observar o Sábado aplica-se a todos os seres humanos. Assim, também o estrangeiro que entra na Aliança com *Yahweh* deve observar o Sábado. Portanto, a observância do Sábado não é uma obrigação apenas do Israelita, ou do Judeu;

que (2) os que observam o Sábado no quadro da Aliança com o Deus Criador receberão a prometida bênção divina, tanto espiritual como material; e (3) no Reino messiânico da Terra renovada manter-se-á a obrigação de se guardar o Sábado. Logo, o mandamento do Sábado será observado por todo o povo de Deus na Nova Terra, durante a eternidade.

Neste segundo artigo, iremos estudar os textos de Jeremias 17:19-27 e de Ezequiel 20:12 e 13, 16, 20 e 21, 24. Procuraremos mostrar que (1) a santificação do Sábado é uma obrigação a que estão sujeitos todos os crentes, no quadro da Aliança com Deus, e dessa santificação depende a receção, pelos indivíduos, da bênção ou da maldição divinas; e que (2) a observância do Sábado é um sinal da Aliança que existe entre o Deus Criador e Redentor e o Seu povo. Deste modo se explica que o Sábado seja um sinal de santificação dos crentes que integram o povo de Deus.

Assim, caro Leitor, convido-o novamente a seguir-me nesta exploração do sentido teológico do Sábado nos

***A santificação do Sábado é uma obrigação a que estão sujeitos todos os crentes, no quadro da Aliança com Deus, e dessa santificação depende a receção, pelos indivíduos, da bênção ou da maldição divinas.***

escritos dos Profetas de Israel. O que descobriremos irá, certamente, reforçar a nossa fidelidade à vontade soberana do nosso Criador.

### O Sábado e a Aliança

O profeta Jeremias oferece uma contribuição assinalável para a teologia do Sábado no capítulo 17 do seu livro. Ele escreve: “Assim me disse o SENHOR: Vai, põe-te à porta dos filhos do povo, pela qual entram e saem os reis de Judá, como também a todas as portas de Jerusalém, e diz-lhes: Ouve a palavra do SENHOR, vós, reis de Judá, e todo o Judá, e todos os moradores de Jerusalém que entrais por estas portas. Assim diz o SENHOR: Guardai-vos por amor da vossa alma, não carregueis cargas no dia de sábado, nem as introduzais pelas portas de Jerusalém; não tireis cargas de vossa casa no dia de sábado, nem façais obra alguma; antes, santificai o dia de sábado, como ordenei a vossos pais. Mas não atenderam, nem inclinaram os ouvidos; antes, endureceram a cerviz, para não me ouvirem, para não receberem disciplina. Se, deveras, me ouvirdes, diz o SENHOR, não introduzindo cargas pelas portas desta cidade no dia de sábado, e santificardes o dia de sábado, não fazendo nele obra alguma, então, pelas portas desta cidade entrarão reis e príncipes, que se assentarão no trono de David, andando em carros e montados em cavalos, eles e seus príncipes, os homens de Judá e os moradores de Jerusalém; e esta cidade será para sempre habitada. Virão das cidades de Judá e dos contornos de Jerusalém, da terra de Benjamim, das



planícies, das montanhas e do sul, trazendo holocaustos, sacrifícios, ofertas de manjares e incenso, oferecendo igualmente sacrifícios de ações de graças na Casa do SENHOR. Mas, se não me ouvirdes, e, por isso, não santificardes o dia de sábado, e carregardes alguma carga, quando entrardes pelas portas de Jerusalém no dia de sábado, então acenderei fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém e não se apagará” (Jeremias 17:19-27, *ARA*).

**O caráter sagrado do Sábado, como tempo que deveria ser subtraído ao trabalho comum e dedicado ao Senhor, não era fielmente respeitado.**



Esta perícopé indica claramente que o Sábado – estatuído num dos Dez Mandamentos que constituíam o fundamento legal da Aliança entre Deus e o Seu povo (Êxodo 20:1-17; cf. Deuteronomío 5:1-21) – não era santificado de forma rigorosa em Jerusalém, predominando uma observância descuidada do dia de Deus por parte dos habitantes da cidade santa. O carácter sagrado do Sábado, como tempo que deveria ser subtraído ao trabalho comum e dedicado ao Senhor, não era fielmente respeitado. Assim, Jeremias apela aos líderes e aos cidadãos de Jerusalém e de toda a Judeia para que observem fielmente o Sábado do Senhor, e aponta para as sérias consequências que resultarão de uma desobediência a este chamado de atenção que Deus dirige à nação de Judá.<sup>2</sup>

De facto, esta profecia de Jeremias é dirigida ao rei e aos príncipes de Judá, a todos os moradores de Jerusalém e a todos os habitantes de Judá (Jeremias

17:20). Portanto, ela diz respeito a todo o povo de Deus que integrava a nação santa e que era participante na Aliança com o Deus Criador. Efetivamente, não são apenas as autoridades que são responsabilizadas pela santificação ou pela profanação do Sábado, mas também todos os cidadãos de Jerusalém e todos os nacionais de Judá. O mesmo é dizer que a responsabilidade e o dever de observar o Sábado recaíam sobre cada indivíduo crente que integrava o povo de Deus.

Assim, o profeta Jeremias apela ao povo de Deus para que não profane o Sábado, mas que o santifique. Para esse efeito, os habitantes de Jerusalém devem deixar de transportar mercadorias para venda no Sábado. Estes “fardos” de mercadoria incluíam todos os artigos de comércio que eram importados para consumo na cidade santa e que eram, certamente, vendidos no Sábado. Carregar fardos lembrava a escravidão, algo oposto ao sentido do Sábado, que expressa a libertação do jugo escravagista (Deuteronomío 5:14 e 15). Os cidadãos de Jerusalém deveriam igualmente abster-se de trabalhar no Sábado, respeitando, assim, o seu carácter sagrado (Jeremias 17:21-23).

Caso o aviso de Deus comunicado por Jeremias fosse acatado pelo povo de Jerusalém e de Judá, a nação judia seria abençoada. Estas bênçãos ocorreriam no quadro da Aliança e traduzir-se-iam na prosperidade de Jerusalém. O governo autóctone da cidade e da nação seria perpetuado, a cidade de Jerusalém seria para sempre habitada e o culto centrado no templo de Jerusalém seria prosperado (Jeremias 17:24-26).

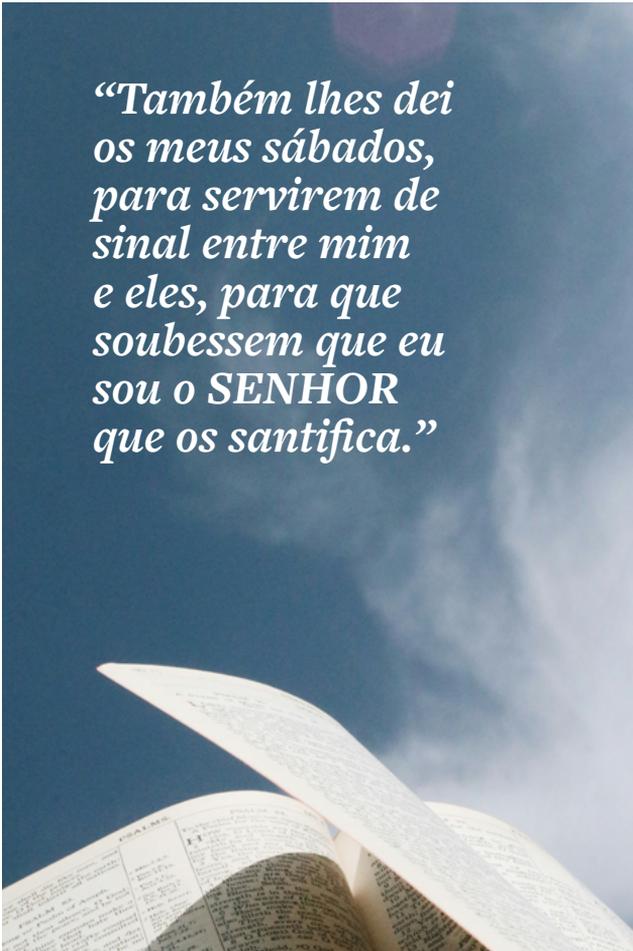
Caso o aviso de Deus transmitido pelo profeta não fosse positivamente recebido pelos habitantes de Jerusalém e de Judá, a nação judia seria amaldiçoada. Esta maldição verificar-se-ia no quadro da Aliança e traduzir-se-ia na destruição da cidade santa. Jerusalém seria consumida por um fogo inextinguível, ateado como resultado de uma agressão militar por parte dos seus inimigos (Jeremias 17:27).

Portanto, a análise exegética da profecia de Jeremias 17:19-27 permite-nos concluir que a santificação do Sábado – imposta por um dos mandamentos em que assenta a Aliança com *Yahweh* (Deuteronomio 5:1-21) – é uma obrigação a que estão sujeitos todos os crentes, no quadro da referida Aliança com Deus, e dessa santificação (ou da contrastante profanação) depende a receção, pelos indivíduos que integram o povo de Deus, da bênção ou da maldição divinas.

Como a História nos informa, a advertência de Jeremias foi ignorada ou rejeitada, pelo que a profecia foi cumprida ao tornar-se realidade a maldição anunciada. O profeta tinha vaticinado que, se o Sábado continuasse a ser profanado em lugar de ser santificado, Deus acenderia um fogo inextinguível que queimaria as portas e os palácios de Jerusalém até restarem apenas cinzas. Efetivamente, Nabucodonosor II, rei de Babilónia, conquistou Jerusalém em 586 a.C.,<sup>3</sup> e destruiu-a pelo fogo como castigo pela sua repetida rebelião (II Reis 25:1-21; II Crónicas 36:14-21).<sup>4</sup>

## O Sábado como sinal

O profeta Ezequiel traz também uma importante contribuição para a teologia do Sábado no capítulo 20 do seu livro. Nele pode ler-se: “Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica. Mas a casa de Israel se rebelou contra mim no deserto, não andando nos meus estatutos e rejeitando os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandemente os meus sábados. Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir. [...] Porque rejeitaram os meus juízos, e não andaram



*“Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica.”*

nos meus estatutos, e profanaram os meus sábados, pois o seu coração andava após os seus ídolos. [...] Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR, vosso Deus. Mas também os filhos se rebelaram contra mim e não andaram nos meus estatutos, nem guardaram os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; antes profanaram os meus sábados. Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir contra eles a minha ira no deserto. [...] Porque não executaram os meus juízos, rejeitaram os meus estatutos, profanaram os meus sábados, e os seus olhos se iam após os ídolos de seus pais” (Ezequiel 20:12 e 13, 16, 20 e 21, 24, *ARA*).

Estes seis versículos pertencem à perícope de Ezequiel 20:1-31. De modo a realmente os compreendermos, temos de possuir uma noção clara da estrutura e da mensagem da referida perícope. Para começar, devemos ter presente a circunstância histórica que dá origem à mensagem exarada em Ezequiel 20:1-31. Os anciãos de Judá que se encontravam no exílio em Babilónia vêm consultar *Yahweh* por meio do profeta Ezequiel no “dia dez” do “quinto mês do sétimo ano” do cativeiro do rei judeu Jeoaquim, data que corresponde ao mês de agosto de 590 a.C. do nosso calendário.<sup>5</sup> Porém, Deus, pela boca do profeta, recusa-Se a ser consultado, por causa da desobediência de Israel, e ordena ao Seu profeta que faça um resumo da história da infidelidade de Israel desde a libertação do cativeiro do Egito até ao presente (Ezequiel 20:1-4).

## A profecia foi cumprida ao tornar-se realidade a maldição anunciada.

A exposição desta história das “abominações” de Israel (Ezequiel 20:4) é estruturada pelo profeta em quatro etapas.<sup>6</sup> Nestas etapas, Israel surge como um povo rebelde, apegado à idolatria e infiel aos “estatutos” e aos “juízos” que Deus ordenou, entre os quais se destaca o mandamento da observância do Sábado. A primeira fase da história da infidelidade de Israel começa com a eleição divina do povo hebreu no Egito e com o desejo divino de o instalar na Terra Prometida. *Yahweh* pede que o povo abandone os ídolos egípcios e se consagre a Ele, mas os Seus apelos não são obedecidos, e Deus pondera destruir Israel. Não o faz por amor à Sua reputação, pois o Seu bom nome estava ligado ao destino de Israel desde que este povo tinha sido eleito por Ele (Ezequiel 20:5-9). A segunda fase da história narrada pelo profeta é o período que vai do êxodo do Egito até à rejeição da primeira geração israelita no deserto. Deus tira o povo da servidão do Egito, e, no deserto, dá-lhe as Suas leis e os Seus Sábados. No entanto, o povo revoltou-se contra Deus no deserto, envolvendo-se com a idolatria, recusando-se a obedecer às leis de Deus e profanando os Seus Sábados. O Senhor não o destrói, por amor ao Seu

nome, mas não o deixa entrar na Terra Prometida (Ezequiel 20:10-17). A terceira fase da história de Israel narra a experiência do povo de Israel desde a segunda geração de Israelitas que surge no deserto até ao período da entrada na Terra Prometida. O Senhor pede à segunda geração que não siga o exemplo dos seus pais, que guarde as leis de Deus e santifique os Seus Sábados. Mas também estes Israelitas se rebelaram contra *Yahweh*. Não obedeceram às leis de Deus, profanaram os Seus Sábados e entregaram-se à idolatria. Deus não os destruiu, por amor ao Seu nome, mas jurou que os dispersaria pelas nações (Ezequiel 20:18-26). Finalmente, a quarta fase da história das “abominações” de Israel, contada pelo profeta Ezequiel sob inspiração divina, é um resumo da experiência do povo de Israel desde o tempo dos Juízes até ao fim da Monarquia de Judá. Deus acusa Israel da mais grosseira e descarada idolatria. E dado que os Judeus em cativeiro continuam a ter a mesma atitude, *Yahweh* recusa-se a ser consultado pelos anciãos do povo no Exílio (Ezequiel 20:27-31). Portanto, estas quatro partes da história de Israel, contada pelo profeta Ezequiel, refletem o mesmo padrão de rebeldia persistente do povo e de resposta graciosa de Deus.

Entretanto, é interessante constatar que, na segunda e na terceira etapas da sua narração, que dizem respeito ao período que Israel passou no deserto, Ezequiel destaca a importância dos Sábados entre os “estatutos” e os “juízos” dados por *Yahweh* a Israel no Sinai. Estas duas etapas da narração

apresentam os Sábados como sendo um sinal entre Deus e o Seu povo. Analisemos em pormenor os dois versículos em que se referem as razões que fazem dos Sábados um sinal.

Comecemos pelo primeiro versículo. O texto diz-nos o seguinte: “Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica” (Ezequiel 20:12, *ARA*). Como bem sabemos, o Sábado (*Shabbat*, em hebreu) foi “dado” por Deus ao povo de Israel no Sinai (Êxodo 19:16-20:2; ver Êxodo 20:8-11), ainda que a sua origem remonte à semana da criação da vida na Terra (Génesis 2:1-3), quando Deus instituiu o Sábado como Memorial da Criação. É porque o mandamento do Sábado foi ordenado de novo, na proclamação do Decálogo no Sinai, que a declaração divina do quarto mandamento do Decálogo começa com o imperativo “Lembra-te”. Este imperativo implica que a existência do mandamento do Sábado é anterior à revelação no Sinai (e. g., Êxodo 16:22-29). Portanto, antes de mais, no texto que estamos a considerar, Ezequiel está a referir-se à renovação

**O Sábado torna-se num sinal de que *Yahweh* santifica o adorador sabático para ser parte do Seu povo eleito.**



da instituição do Sábado no Sinai. Mas, por que razão Deus, pela voz do Seu profeta, considera que o Sábado (*Shabbat*) é um *sinai* (*’oth*) que dá a conhecer ao povo de Deus que é Ele que os *santifica* (*qadash*)?

Dado que, como vimos, o dia de Sábado é o Memorial da Criação da vida na Terra pelo Deus verdadeiro, o Deus Criador (cujo principal nome é *Yahweh*), a observância ou a santificação do Sábado em obediência ao quarto mandamento funciona precisamente como um sinal de que o adorador que assim procede reconhece *Yahweh*, o Deus Criador, como o seu Deus, isto é, como o Deus que o santifica ou o separa para Si. O mesmo é dizer que o Sábado se torna num *sinai* de que *Yahweh santifica* (*i.e., separa*) o adorador sabático para ser parte do Seu povo eleito. Assim, celebrando e santificando o Sábado, o povo de Israel proclamaria solenemente todas as semanas que era o povo do verdadeiro Deus, o Deus

Criador, e que era santificado, isto é, separado, pelo Criador para o Seu serviço. Esta consagração do povo a Deus, sinalizada pela observância do Sábado, estabelecia a identidade do povo que tinha firmado uma Aliança com o Deus Criador.<sup>7</sup>

Vejam agora o segundo versículo. Ele diz: “Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Ezequiel 20:20, *ARA*). Neste texto, pela boca do Seu profeta, Deus volta a apresentar o Sábado como um sinal estabelecido entre o povo de Israel e Ele. Contudo, o texto em questão apresenta uma nuance de sentido em relação ao anterior texto de Ezequiel. Já não se trata de o Sábado ser um sinal de santificação do povo, mas ele é agora um sinal que permite ao povo *saber* que *Yahweh* é o Deus de Israel. Como? Na medida em que o Sábado fosse *santificado*, isto é, observado semanalmente, ele manteria presente na mente do povo de Is-

rael que o Deus Criador, o Instituidor do Sábado, era o seu Deus. De facto, a observância semanal do Sábado ligaria cognitivamente o povo de Israel diretamente ao Deus Criador.<sup>8</sup>

É de notar que estes dois versículos de Ezequiel 20 refletem a mensagem condensada em Êxodo 31:12-18, em que o Sábado é também apresentado como um *sinai* (*'oth*) de santificação estabelecido entre Deus e o Seu povo. Este paralelo entre Ezequiel 20 e Êxodo 31 fica explicado quando se compreende que o profeta Ezequiel, que era de origem sacerdotal (Ezequiel 1:1-3), certamente conhecia a tradição condensada em Êxodo 31:12-18, e foi a partir dela que foi inspirado pelo Senhor a falar do Sábado como um sinal de santificação do povo de Deus.

Note-se também que, embora o texto de Ezequiel 20 se refira aos

## **A observância semanal do Sábado ligaria cognitivamente o povo de Israel diretamente ao Deus Criador.**

“Sábados” (*Shabbatot*), o profeta está a pensar no Sábado semanal e não nos Sábados anuais que assinalavam as festas de Israel. Como sabemos isto? Sabemo-lo precisamente pelo paralelo que existe entre Ezequiel 20:12, 20 e Êxodo 31:12-18. Também na perícopie de Êxodo 31:12-18 é usado o plural “Sábados”, no versículo 13, mas os versículos seguintes usam o singular “Sábado”, e citam uma parte do mandamento do Sábado (Êxodo 31:17; cf. Êxodo 20:11). Fica assim claro que os “Sábados” de que se fala em Êxodo 31 são os Sábados semanais. Ora,



dado que Ezequiel 20 se inspira claramente em Êxodo 31, pode concluir-se com toda a certeza que os “Sábados” referidos em Ezequiel 20 são também os Sábados semanais.<sup>9</sup>

Finalmente, devemos sublinhar que o Sábado como sinal de santificação e de pertença do povo de Deus não se aplica somente aos Israelitas ou aos Judeus, como alguns teólogos cristãos gostariam de defender, mas aplica-se ao povo de Deus de todos os tempos. Nomeadamente ao povo de Deus que aceitou Jesus como Senhor e Salvador, isto é, a todos os verdadeiros Cristãos. De facto, Deus também santifica os Gentios cristãos pela observância do Sábado. Nem poderia deixar de ser assim, dado que a revelação bíblica do Novo Testamento declara que a Igreja é o Israel espiritual de Deus (Gálatas 6:15 e 16; 3:29; Romanos 2:26-29; Apocalipse 7:3-8). Jesus e os apóstolos, que são o fundamento da Igreja (Efésios 2:19-22), eram Israelitas. Além de que, segundo Jesus, “a salvação vem dos judeus” (João 4:22). Pelo

***O Sábado como sinal de santificação e de pertença do povo de Deus não se aplica somente aos Israelitas ou aos Judeus, como alguns teólogos cristãos gostariam de defender, mas aplica-se ao povo de Deus de todos os tempos!***

que os Cristãos gentios que entram na comunidade espiritual da Igreja são salvos na medida em que a Igreja é o Israel espiritual (Efésios 2:11-14). Assim sendo, as bênçãos que o Senhor concedeu ao Israel carnal foram transferidas para o Israel espiritual, isto é, para a Igreja Cristã. O Sábado como sinal perpétuo da Aliança entre Deus e o Seu povo conta-se entre essas bênçãos. Portanto, também os Cristãos devem observar o Sábado como sinal da sua santificação pelo Deus Criador.

### **Conclusão**

Chegámos ao fim da nossa investigação exegética sobre o Sábado nos Profetas. Podemos concluir que ficou textualmente demonstrada a veracidade das cinco teses que quisemos defender nesta série de dois artigos.

De facto, a nossa primeira tese foi verificada, pois a perícopie de Isaías 56:1-8 revela claramente que, na Aliança estabelecida entre o Senhor e o Seu povo, todos os seres humanos crentes têm a obrigação de observar o Sábado, incluindo o estrangeiro que entra na Aliança com Deus. Logo, a guarda do Sábado não é uma obrigação exclusiva do Israelita ou do Judeu.

A nossa segunda tese também foi vindicada, dado que o texto de Isaías 58:13 e 14 mostra-nos com clareza que todos os crentes que guardam o Sábado no âmbito da Aliança com o Senhor receberão a bênção divina prometida, seja esta material ou espiritual.

A nossa terceira tese foi igualmente sustentada, uma vez que o tex-

to de Isaías 66:23 indica claramente que a obrigação de observar o Sábado manter-se-á no Reino messiânico da Terra renovada. Logo, o mandamento do Sábado será observado pelo povo de Deus na Nova Terra, durante a eternidade.

A nossa quarta tese foi igualmente comprovada, visto que a perícope de Jeremias 17:19-27 deixa perceber que todos os crentes, no quadro da Aliança com Deus, têm a obrigação de santificar o Sábado, incorrendo na bênção ou na maldição de Deus conforme variar a sua fidelidade ao quarto mandamento do Decálogo.

Finalmente, a nossa quinta tese pode ser dada como provada, pois ficou claro que a guarda do Sábado é um sinal da Aliança estabelecida entre o Deus Criador e Redentor e o Seu povo. Fica então explicada a razão por que o Sábado é um sinal de santificação dos crentes que integram o povo de Deus.

Diante destas conclusões fundamentadas na revelação bíblica, surge diante de nós um manifesto desafio

## A obediência à vontade de Deus – que distingue todos os verdadeiros crentes – trará bênçãos para os que forem fiéis.

espiritual. Sendo nós crentes fiéis à vontade revelada do Senhor, devemos aceitar o repto que Deus nos coloca: Observar fielmente o mandamento que impõe a guarda do Sábado. Como vimos, a obediência à vontade de Deus – que distingue todos os verdadeiros crentes – trará bênçãos para os que forem fiéis. Estaremos, deste modo, preparados para participar na adoração sabática que caracterizará a vida espiritual na Nova Terra por toda a eternidade. “E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR” (Isaías 66:23, *ARA*)!

**1** Paulo Lima, “Os Profetas e o Sábado – De Isaías a Ezequiel (Parte I)”, *Revista Adventista*, Ano 86, nº 932, janeiro de 2025, pp. 10-19.

**2** Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976, vol. IV, p. 424. Luis Alonso Schokel e J. L. Sicre Diaz, *Profetas II*, São Paulo: Edições Paulinas, 1991, pp. 516 e 517. John Bright, *Jeremiah* (The Anchor Bible), Garden City, NY: Doubleday, 1965, p. 120.

**3** Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, Chicago: The University of Chicago Press, 1951, pp. 163-166.

**4** Hershel Shanks (ed.), *Ancient Israel: From Abraham to the Roman Destruction of the Temple*, Washington, DC: Biblical Archaeology Society, 1999, pp. 195-197. John Bright, *História de Israel*, 4ª ed., São Paulo: Edições Paulinas, 1980, pp. 444-446.

**5** Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976, vol. IV, p. 645. Luis Alonso Schokel, *Ezequiel*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, p. 126.

**6** Seguimos a organização da perícope sugerida por Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 1976, vol. IV, pp. 645-647, e por Luis Alonso Schokel, *Ezequiel*, pp. 125 e 126.

**7** Luis Alonso Schokel e J. L. Sicre Diaz, *Profetas II*, São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 775. Francesco Spadafora, *Ezechiele (La Sacra Bibbia)*, Roma: Marietti, 1969, pp. 162 e 163.

**8** Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976, vol. IV, p. 646.

**9** Laurentiu G. Ionescu e Gerhard Pfandl, “The Sabbath in the Prophets”, in *The Sabbath in the Old Testament and Intertestamental Period*, ed. Daniel Bediako e Ekkehardt Mueller, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2021, pp. 150 e 151.

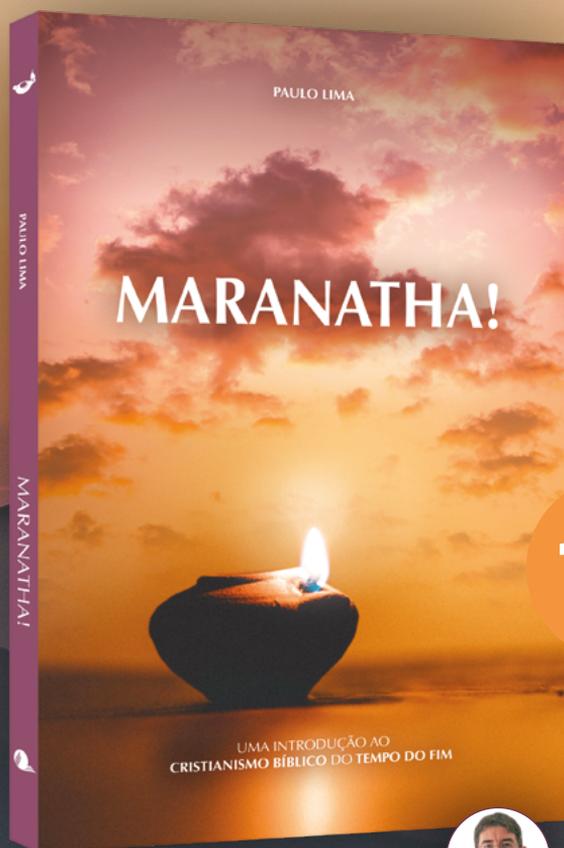


COLEÇÃO  
*Luminares de fé*

Compre aqui:



# Adquira já!



Mensagem  
do autor:



Os temas  
do livro em  
*PODCAST*:



12€



AUTOR:  
Paulo Lima

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00  
E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870

Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais  [facebook.com/PSerVir](https://facebook.com/PSerVir)  [instagram.com/PSerVir](https://instagram.com/PSerVir)



—  
Dick Duerksen  
Pastor

*Retirado da Revista  
Adventista brasileira de  
abril de 2025.*

# Caminhos cruzados

**A história de José e  
Catherine Gearing.**

José morava numa pequena comunidade montanhosa ao norte de São Francisco, na Califórnia, nos Estados Unidos da América. A sua família, de origem mexicana, era pobre, e as suas refeições eram simples. Um dia, José encontrou um livro de bolso de Catherine Gearing, que prometia uma vida melhor. *Guia de Campo para se Viver na Natureza*, dizia o título, numa capa que mostrava uma bela montanha, um lago e uma fogueira.

O jovem leu cada palavra, sublinhou as suas receitas favoritas e partiu para um bosque próximo da sua casa. Estava ansioso para encontrar as iguarias prometidas no livro, enquanto aprendia a sentir a presença de Deus ao seu redor.

Ele não sabia onde encontrar hortelã-pimenta, nem que os dentes-de-leão eram comestíveis até ler a obra de Catherine Gearing. Ele memorizou as suas instruções e passou a testar os sabores das plantas que floresciam por toda a parte ao redor da sua casa na montanha. Em pouco tempo, as refeições da família passaram a incluir saladas sofisticadas, e José partilhava com todos que o livro que encontrara realmente mudara a sua vida.

**José estava ansioso para encontrar as iguarias prometidas no livro, enquanto aprendia a sentir a presença de Deus ao seu redor.**



### Chamado para servir

No verão em que completou 16 anos, um amigo Pastor convenceu José a juntar-se a um grupo designado *Cruzada Comunitária contra as Drogas* e a vender livros de porta em porta em São Francisco.

“Deixei crescer o bigode para parecer um pouco mais velho e o Pastor de uma pequena igreja hispânica permitiu que o meu amigo Javier e eu ficássemos hospedados numa sala da Escola Sabatina.”

As horas de trabalho eram longas. Durante o verão, os rapazes visitaram milhares de casas no Sul de São Francisco. Todas as noites, depois de deixarem um membro da equipa em sua casa, José e Javier voltavam de carro para os sacos-cama na sala da Escola Sabatina.

Certa manhã, enquanto arrumavam o espaço onde dormiam, o telefone da igreja tocou. José atendeu.

“Estou?! É da igreja Adventista?”

“Sim.”

“O meu nome é Nancy e sou enfermeira no Centro Médico da Universidade da Califórnia. Temos uma paciente aqui que tem uma cirurgia muito delicada agendada e que gostaria que um Pastor da sua Igreja viesse orar com ela. O senhor pode fazer isso, por favor?”

“Lamento muito, minha senhora, mas esta é uma igreja de língua espanhola e o Pastor não sabe uma palavra de inglês; portanto, não pode ajudá-la. Um momento, talvez eu possa passar-lhe o número de telefone de uma igreja americana.”

José encontrou na agenda o número da igreja em questão e partilhou-o com a enfermeira.

Já perto das 23:00 horas daquela noite, enquanto José e Javier compravam o jantar, o telefonema da manhã voltou à mente de José. Ele tocou no ombro de Javier.

“Ninguém atendeu ao pedido daquela mulher. Temos de visitá-la. Acho que a enfermeira não ligou para a outra igreja e ninguém foi orar com a paciente. Ela vai passar por uma cirurgia muito delicada. Temos de ir ao hospital.”

“Não, já passa do horário das visitas”, discordou Javier. “É tarde de mais para irmos agora. Não nos vão deixar entrar no hospital!”

“Mas aquela senhora queria um Pastor Adventista para orar com ela. Temos de ir vê-la!”

### **Desafiando as probabilidades**

Os dois saíram do restaurante e apressaram-se a ir em direção ao hospital.

## ***“Mas aquela senhora queria um Pastor Adventista para orar com ela. Temos de ir vê-la!”***

A única vaga de estacionamento disponível estava do outro lado da rua, em frente a uma das portas traseiras da unidade de saúde.

Os rapazes atravessaram a rua a correr, no escuro. Ao chegarem à porta, perceberam que estava destrancada. Entraram e apanharam o elevador. José tocou no botão para o nono andar e, ao chegarem, avistaram uma enfermeira que passava no corredor. Caminharam lentamente em direção à enfermeira, que se assustou ao vê-los.

“Pedimos desculpa por chegarmos tão tarde”, disse José, “mas hoje de manhã uma enfermeira ligou-nos dizendo que uma mulher iria fazer uma cirurgia oncológica amanhã e queria que um Pastor Adventista orasse com ela. Nós não somos Pastores, mas somos Adventistas, e podemos orar. A senhora pode levar-nos até ela, por favor?”

A enfermeira olhou para os dois visitantes estranhos e, sem dizer uma palavra, pegou no telefone para chamar o segurança.

“O horário de visitas terminou há quatro horas”, disse ela enquanto levantava o telefone. “Eu sei”, disse José, exibindo o sorriso mais radiante que conseguia. “Mas precisamos de orar com esta senhora.”

A enfermeira, relutante, concordou em levar os jovens até ao quarto



**“A senhora ensinou-me a sentir a presença de Deus ao meu redor. A senhora mudou a minha vida!”**

da paciente. Ao entrarem, ela disse à paciente que estavam ali dois jovens para orar com ela. A mulher doente soluçava na cama e tinha dificuldade em falar.

“Não me digam que são Adventistas!”, exclamou a paciente, a chorar. “Não se parecem com Pastores Adventistas. Quem são?”

“Somos da Igreja Adventista do Sétimo Dia”, respondeu José, tentando resolver a situação o mais rapidamente possível. “Estamos aqui para orar consigo!”

“Estou a morrer de cancro, e, agora, em plena meia-noite, dois Adventistas saem das ruas de São Francisco para orar comigo... Nunca me esquecerei disto!”

José aproximou-se da cama. “Como se chama?”

“Sou Catherine Gearing”, respondeu a mulher. “Talvez tenha lido o meu livro, intitulado *Guia de Campo para se Viver na Natureza!*”

José segurou as duas mãos da mulher. “A senhora é Catherine Gearing! Nem posso acreditar! Eu decorei todas as páginas do seu livro. A senhora ensinou-me a sentir a presença de Deus ao meu redor. A senhora mudou a minha vida!”

A presença de Deus inundou o quarto e a hora seguinte foi repleta de histórias felizes, receitas de sobrevivência e muitas orações.



—  
Marcos Osório  
*Arqueólogo*



RádioRCS  
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra)



# GRAVADO NA PEDRA

**Estará o segredo da  
localização da Arca de  
Noé guardado num mapa  
babilónico?**

*Imago Mundi* é o termo latino que designa um dos mais antigos mapas de que há registo. Esta notável representação cartográfica, gravada numa tábua de argila, constitui um verdadeiro tesouro arqueológico que oferece uma imagem esquemática do mundo conhecido de então, a Mesopotâmia. Esta figura, longe de ser mais do que um simples mapa, conjuga conhecimento geográfico antigo com concepções cosmológicas e mitológicas ancestrais, refletindo a profunda sofisticação intelectual do Império Babilónico (Finkel, 2014: 205).

É uma placa de argila com cerca de 12X8cm de dimensão, onde o mapa ocupa os dois terços inferiores da face principal, enquanto o topo e o reverso contêm textos em acadiano, na sofisticada escrita cuneiforme, desenvolvida pelos Sumérios e adotada pelos povos da Mesopotâmia. A caligrafia data o documento do século VI a.C., embora o texto refira que se trata da cópia de um mapa mais antigo, cujo original poderá recuar ao século IX a.C..

O artefacto foi descoberto em 1882, pelo arqueólogo Hormuzd Rassam, na antiga cidade babilónica de Sippar, no atual Iraque, e foi lido, pela primeira vez, em 1889, por F. E. Peiser. Desde então tem despertado grande interesse, dando origem a inúmeras interpretações. Infelizmente, tal como sucede com muitos documentos babilónicos gravados em argila, perdeu-se parte do mapa e do texto original, dificultando a sua leitura integral.

A peça encontra-se, atualmente, exposta no Museu Britânico de Londres. E foi aí, por um feliz acaso, em



Fig. 1 - Tábua de argila com o mapa do mundo babilónico (foto de Lucca Tavares, no Museu Britânico).

1995, que a equipa do conceituado assiriologista Irving Finkel conseguiu localizar um pedaço do mapa em falta, perdido noutra caixa, recolocando-o na placa original, revelando pormenores enigmáticos desta cartografia antiga, que contribuíram para a sua reinterpretação (Finkel, 2024).

Nela, o mundo habitado é retratado como um espaço circular, rodeado por um anel de água designado por *marratu* ("mar salgado"), simbolizando os Oceanos em torno do mundo conhecido. No interior deste espaço circular encontra-se representada, ao centro, a cidade de Babilónia, sob a forma de um retângulo, estendendo-se para ambos os lados do Rio Eufrates, que, embora não legendado, atravessa claramente o mapa, de norte a sul. O seu percurso tem origem na "montanha" (*šadû*), a sudeste da Turquia, e termina numa zona identificada como "pântano" (*apparû*), referindo-se às regiões alagadas do Delta do Eufrates, onde também se abre um "canal" (*bitqu*).

Em torno de Babilônia observam-se oito pequenos círculos que correspondem a cidades, identificadas, pelo nome, como “Assur” (possivelmente, Nínive), “Der” e “Susa”, ou simplesmente designadas como “uru” (“cidade”, em acadiano). Três círculos restantes apresentam apenas um ponto central, sem identificação, podendo representar as “cidades em ruínas” mencionadas no texto do reverso da tábua.

O mapa assinala ainda três regiões periféricas: “Urartu”, a nordeste; “Habban”, a noroeste; e “Bit Yakin”, a sudoeste, correspondendo a áreas habitadas por povos vizinhos da Mesopotâmia, respetivamente Urartianos, Cassitas e Arameus.

Contudo, os elementos mais intrigantes e difíceis de interpretar no mapa encontram-se no exterior do território circular, que dá acesso a um domínio misterioso e fantástico. Aí foram desenhados oito triângulos, dos quais somente se conservam quatro, cada um designado como *nagû* (“região”). Estes triângulos parecem evocar lugares mágicos da cosmologia babilônica, para além dos limites do mundo conhecido, citados ou não noutras narrativas orais e escritas babilônicas. Para Wayne Horowitz, as figuras triangulares poderão evocar Ilhas (1998: 32), enquanto Irving Finkel sugere que representam montanhas remotas (2014: 269).

Para compreender o mapa é fundamental atentar nos textos cuneiformes que o acompanham. Primeiramente, as doze linhas inscritas na parte superior da tabuinha, que remetem para o ato da criação do mundo pelo

deus Marduk, protetor de Babilônia, segundo a tradição mesopotâmica. Este enquadramento confere ao mapa uma dimensão simbólica e religiosa, para além da sua função prática, proporcionando um entendimento mais profundo das concepções que estruturavam a visão do mundo babilônico.

No reverso da tabuinha foram gravadas 26 linhas de texto, de difícil interpretação, devido às lacunas existentes no início e no fim de cada linha. Nele, são descritas as oito regiões (*nagû*), correspondentes aos triângulos representados no mapa, indicando o que poderá ser encontrado em cada uma delas, separadas entre si por distâncias que variam entre seis e oito léguas (Horowitz, 1988: 162).

O texto explora as regiões situadas para além das fronteiras do mundo conhecido, acessíveis somente por embarcações a remos, através do “mar salgado”. Esses territórios são apresentados como cenário de acontecimentos extraordinários, com descrições que evocam tempos antigos e terras longínquas, habitadas por povos exóticos e criaturas fantásticas: Realidades que ultrapassam os domínios da Geografia e que pertencem ao imaginário mitológico.

O mais importante é que, ao colocar o triângulo redescoberto em 1995 na sua posição original, no canto superior direito, foi finalmente possível definir a sequência das regiões descritas no texto do reverso da placa e estabelecer uma correspondência entre elas e a representação cartográfica (Finkel, 2014).

Este quinto triângulo é o único que contém no interior uma legenda

que diz: “*Grande muro.*” Para Wayne Horowitz (1998: 32), não deve referir-se a uma construção humana, mas talvez a uma cordilheira montanhosa. A descrição desta região, no reverso, sugere a presença de uma montanha com cerca de 420 metros de altitude, coberta por árvores que atingem os 60 metros. No exterior da figura geométrica encontra-se ainda a expressão “onde o Sol não é visto”, interpretada como uma referência ao facto de o Sol nunca atingir esse quadrante setentrional da Mesopotâmia (Horowitz, 1988: 158).

Mas é no quarto triângulo (que, no mapa atualmente preservado, surge à direita) que se encerra a descoberta mais notável. Pelo que é possível ler, no que se conservou do texto do reverso, parece que no topo deste presumível monte se encontra algo, cuja espessura é “tão grossa como uma/um medida/vaso *parsiktu*” (Horowitz, 1988: 25).

Curiosamente, em milhares de textos cuneiformes lidos, não existem quaisquer paralelos conhecidos para esta medida de capacidade babilónica *parsiktu*, exceto num único caso absolutamente excepcional na literatura babilónica: Na narrativa do Dilúvio (Finkel, 2014: 86).

Na Mesopotâmia conhecem-se três versões da história do grande Dilúvio, que apresentam notáveis semelhanças com o relato bíblico. Na narrativa suméria, a construção da arca é atribuída a *Ziusudra*; na versão acadiana, é *Atra-hasis*; e, na história babilónica, trata-se de *Utnapištīm*, personagens equivalentes a Noé.

E é numa destas placas cuneiformes, conhecida como “Tábua da

Arca”, traduzida pelo próprio Irving Finkel (2014: 86), que se encontra uma versão alternativa do Dilúvio, que descreve a construção da embarcação por *Atra-hasis*, onde são referidas as dimensões das 30 hastes principais da arca, que “tinham a espessura de uma/um medida/vaso *parsiktu* e dez *nindan* de comprimento”.

Embora o texto do reverso do Mapa do Mundo esteja truncado, impossibilitando uma leitura completa, é sugestivo que a mesma medida de capacidade babilónica presente na narrativa do Dilúvio reapareça agora no mapa para descrever algo localizado numa montanha recôndita. A expressão pode até ter permanecido permanentemente associada à Arca e aqui aparece no Mapa do Mundo remetendo para a antiga narrativa fundacional babilónica.

Por coincidência, como se pode ver no desenho esquemático (ver *Fig.2*, p. 30), na base desse quarto triângulo, já no interior do círculo do mapa de Babilónia, encontra-se escrito, em cuneiforme, a palavra ‘*u-ra-as-tu*’ ou *Urartu*, que designa o nome de um reino situado nas atuais Arménia e Turquia Oriental, cuja tradução aramaica é *Ararat* (André-Salvini e Salvini, 2017: 84).

O assiriologista britânico acredita que este mapa oferece uma pista importante para a localização da montanha onde teria repousado a arca de *Atra-hasis*, segundo a versão acadiana do Dilúvio (Finkel, 2024). Esta hipótese, baseada unicamente na correspondência de termos entre os dois documentos cuneiformes, é vista com ce-

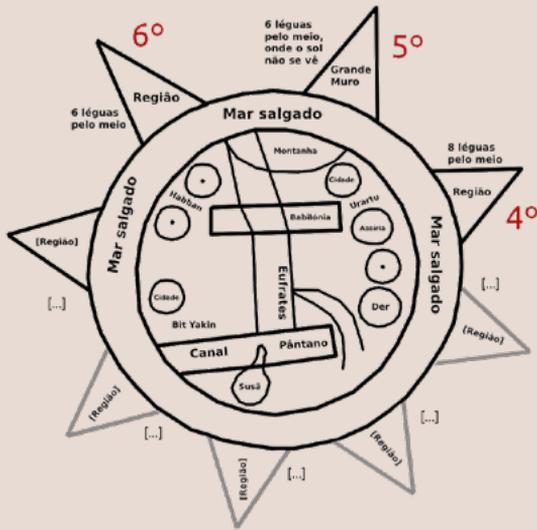


Fig. 2 - Interpretação esquemática do mapa babilónico do Séc. VI a.C. (desenho de Marcos Osório, adaptado de Horowitz, 2008: 21).

ticismo pela maioria dos autores, mas, ainda assim, poderá estabelecer uma ligação fiável entre os factos narrados na Bíblia e o conhecimento babilónico relativo a este tema.

Sabendo que a descrição e as conexões subjacentes a este mapa remontam, segundo os investigadores, ao segundo milénio a.C., podemos acreditar, graças à Tábua da Arca, que foi naquela montanha remota, para além da fronteira do mundo conhecido, que a arca babilónica pousou. O raro aventureiro daquele tempo que, guiado por este mapa, chegasse ao quarto *nagû*,

poderia testemunhar pessoalmente os restos históricos do barco mais importante do mundo.

Ora, se estas histórias do Dilúvio não são meros mitos mesopotâmicos, copiados e adaptados à tradição hebraica pelo autor do livro de Génesis, como muitos sustentam, mas são relatos semelhantes de um evento verdadeiramente real, então este mapa poderá conter a mais antiga proposta que se conhece para a localização dos restos da arca que salvou a Humanidade do Dilúvio.



Fig. 3 - Tábua de argila com o relato acadiano do Dilúvio, escrito em cuneiforme (© Trustees of the British Museum).

**Bibliografia:**

ANDRÉ-SALVINI, Beatrice; SALVINI, Mirjo (2017) - "The Myth of Ararat and the Fortresses of Urtu". In Joan Aruz, Yelena Rakic, Sarah Graff (eds.) - *Assyria to Iberia at the Dawn of the Classical Age*. Metropolitan Museum of Art. New York, pp. 83-86.

DELNERO, Paul (2018) - "A Land with no Borders: A New Interpretation of the Babylonian 'Map of the World'". *Journal of Ancient Near Eastern History*. 4:1, pp. 1-19.

FINKEL, Irving (2014) - "The Ark before Noah". *Decoding the Story of the Flood*. Ed. Nan A. Talese.

FINKEL, Irving (2024) - "The Babylonian Map of the World with Irving Finkel", *Curator's Corner S9 Ep5*. <https://www.youtube.com/watch?v=LUXFzh8r384>.

HOROWITZ, Wayne (1988) - "The Babylonian Map of the World". *Iraq*. 50, pp. 147-165.

HOROWITZ, Wayne (1998) - "Mesopotamian Cosmic Geography". *Mesopotamian Civilizations* 8. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns.

MILLARD, Alan (1987) - "Cartography in the Ancient Near East". In John B. Harley and David Woodward (eds.) - *The History of Cartography Volume One: Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean*. University of Chicago Press, pp. 107-116.



# António Oliveira Tostes

*Entrevistado por Ezequiel Duarte*

*Hoje, estaremos Olhos nos Olhos com um homem cuja vida se interlaça com a história recente da comunicação Adventista no Brasil. António Oliveira Tostes nasceu em 1965, é Pastor, especialista em administração e contabilidade, autor de livros sobre finanças, e, durante muitos anos, foi apresentador de um programa na TV Novo Tempo muito conhecido, “Saldo Extra”, que ainda pode ser visto. Desde 2010 lidera a Rede Novo Tempo de Comunicação, que se tornou num centro mediático com alcance em oito países da América do Sul. Vamos falar de missão, legado, futuro!*

**ED: O Pastor António Tostes nasceu em 1965, numa família Católica. Como é que a mensagem da Fé Adventista do Sétimo Dia chegou ao seu lar?**

**AT:** Chegou através do meu irmão. Ele teve contacto com uma família de Adventistas que se mudou para a rua onde nós morávamos. E havia nessa família um jovem que era da mesma idade do meu irmão. Chamava-se Sérgio Lessa. Nós percebíamos que ele era um jovem diferente. Tínhamos curiosidade em conhecer o Sérgio. Até que, um dia, ele começou um diálogo com o meu irmão. Ele estava a caminho do culto jovem na igreja. Nós íamos jogar à bola. Era

Sábado à tarde. Eu fui jogar e o meu irmão ficou a conversar com ele. Foi então que o meu irmão conheceu a mensagem. Ele começou a estudar a Bíblia. Depois, trouxe a mensagem para mim e eu também comecei a estudar. Em seguida, conversámos com a nossa mãe. E como éramos pessoas muito religiosas, foi muito impactante para nós conhecermos aquelas verdades da Bíblia que não conhecíamos.

**ED: Não quero ir já para o fim da história, mas não foi o Pastor Tostes que levou o seu pai ao batismo?**

**AT:** O que aconteceu é uma história incrível. Porque toda a família se converteu. Eu, a minha mãe, o meu irmão, as minhas irmãs, com os maridos também, com os filhos. Mas o meu pai não. Porque o meu pai tinha uma vida ligada a coisas que ele não conseguia abandonar, como o tabaco e a bebida. Raramente ele ia à igreja, exceto quando eu e o meu irmão pregávamos. Mas o meu pai ficou doente com cancro. Por essa data, eu voltei para a minha cidade e decidi fazer uma semana de oração no bairro onde os meus pais viviam. Nós tínhamos uma igreja lá. Eu preparei os sermões como se fosse apenas o meu pai que fosse estar presente. Eu pedi: “Pai, vem ouvir as minhas pregações.” Ele foi e ouviu os

*“Meu filho, eu quero amar esse Jesus que tu tanto amas. Eu quero estar nesse Céu que tu tanto pregas.”*



oito sermões. Naquela semana houve uma transformação na sua vida. No último dia, quando eu fiz um apelo para que os presentes entregassem a vida a Cristo, o meu pai foi o primeiro a levantar-se. Veio a chorar. Abraçou-me e disse-me ao ouvido: “Meu filho, eu quero amar esse Jesus que tu tanto amas. Eu quero estar nesse Céu que tu tanto pregas.” Quinze dias depois, faleceu. Ele pediu para ser batizado, mas não teve tempo de o ser.

**ED: Falemos agora da sua vida profissional. Antes de ir para a área da comunicação, o Pastor estava mais ligado à área dos números, não é? O que fazia antes de ser Administrador da Novo Tempo?**

**AT:** Eu sou Pastor ordenado. Mas não fiz o curso de teologia de maneira tradicional. Eu comecei a trabalhar para a Organização Adventista quando tinha acabado de completar



18 anos, em 1983. E, durante esta trajetória, estudei administração de empresas, contabilidade, fiz uma pós-graduação nesta área. E dos 43 anos de serviço que estou a completar na Igreja, agora em 2025, 27 anos foram dedicados à área financeira. Eu trabalhei no Departamento de Publicações como Gerente. Depois, tornei-me Tesoureiro da Organização Adventista, em Minas Gerais, no Paraná. Em seguida, fui Diretor Financeiro da Casa Publicadora Brasileira. Depois, tornei-me Tesoureiro da União Sudeste Brasileira. E, então, em 2010, deixei a área financeira e tornei-me no Diretor-Geral da *Rede Novo Tempo*.

**ED: Em 2010, o Pastor Tostes teria 45 anos. Foi quando assumiu a *Novo Tempo*, um jovem, em todo o vigor. Nessa altura fez algum treino intensivo? Como se desenvolveu nesta área?**

**AT:** Eu tinha um conhecimento básico sobre comunicação quando, ao trabalhar em Minas Gerais, participei do processo de integração de duas Emissoras de Rádio. E, depois, quando trabalhei em Curitiba, tínhamos Emissoras de Rádio. Então, eu tinha um conhecimento básico sobre Rádio. No entanto, quando cheguei à *Novo Tempo*, percebi que o meu conhecimento era praticamente nulo. Mas um Administrador coloca no dia-a-dia os princípios básicos da administração. A minha estratégia foi acercar-me dos líderes que tínhamos na época na *Novo Tempo*, perceber como as coisas funcionavam, entender todos os regulamentos, os procedimentos e, com o passar do tempo, fui assimilando o modo de funcionamento das atividades.

**ED: Pastor, vamos agora falar um pouco sobre Portugal. Esta ligação que existe entre a *Novo Tempo Portugal* e a *Novo Tempo Brasil* nasceu não há muitos anos. O que sabia de Portugal antes de lhe ser proposta esta parceria?**

**AT:** Eu estive em Portugal pela primeira vez quando trabalhava na Casa Publicadora Brasileira. E estivemos aqui na sede da Editora Portuguesa, que fica junto aos estúdios da *Novo Tempo Portugal*. Na ocasião, para tratar de contratos, de parcerias que nós tínhamos com a Casa Editora Portuguesa. Eu não tenho dúvidas de que a presença da *Novo Tempo* aqui é um projeto que nasceu no coração de Deus. Nós começámos a dialogar e Deus trabalhou no coração dos líderes de Portugal e do Brasil para que este

**Eu não tenho dúvidas de que a presença da *Novo Tempo* aqui é um projeto que nasceu no coração de Deus!**

projeto acontecesse. Eu fico muito feliz por saber que a *Novo Tempo* agora não apenas faz parte da vida da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, mas será uma forma de comunicar a mensagem em que nós cremos como Adventistas do Sétimo Dia, principalmente a nossa grande esperança da volta de Jesus. Fico feliz em saber que a *Novo Tempo Portugal* é uma realidade!

**ED: Até porque quem está a ver a *Novo Tempo Portugal*, se calhar, não tem noção da dimensão planetária da rede *Novo Tempo*, também conhecida, em inglês, como *Hope Channel*. É idêntica em todo o mundo, estando ligada à estrutura da Igreja Adventista do Sétimo Dia a nível mundial, não é?**

**AT:** Exatamente! O *Hope Channel* é responsável por todos os canais de TV Adventistas ao redor do mundo. Existem canais do *Hope Channel* que só estão em *streaming*, apenas pela internet. Existem alguns canais do *Hope Channel* que são *on demand*. O *Hope Channel* tem os seus protocolos para que os canais ou as produções tenham o seu logotipo. O *Hope Channel*, na verdade, faz um trabalho de coordenação de todos estes canais, para que nós possamos trabalhar unidos, partilhar conteúdos. Ele tem a sua sede nos Estados Unidos da América.

**ED: Pastor António Tostes, já alguma vez se emocionou em frente às câmaras?**

**AT:** Sim, algumas vezes. Eu sou uma pessoa muito emotiva, mas, em maio de 2021, eu não imaginava que viveria a experiência que vivi. A minha mãe faleceu no dia um de janeiro daquele ano, no tempo da Pandemia. Eu tinha uma ligação muito forte com a minha mãe. Inclusive, os últimos momentos da vida dela foram muito intensos para mim, porque eu fui ao hospital e fiquei lá com ela os dois últimos dias, na Unidade de Covid-19. Ela ficou na Unidade de Cuidados Intensivos e eu fui para um apartamento emprestado por amigos. Eu passei ali o Natal sozinho. Deus deu-me aqueles dias para eu me preparar para me despedir da minha mãe, com quem eu tinha um vínculo muito forte. Fiz a despedida da minha mãe e esse foi um momento de muito impacto na minha vida. Em maio daquele ano, nós estávamos a celebrar o aniversário do programa “Anjos da Esperança”. Eu ia participar no programa, como sempre participo, pois apresento o programa “Anjos da Esperança” algumas vezes. Eu estava ali para ser entrevistado, para falar dos projetos. Enquanto eu estava ali, a apresentadora que estava ao meu lado disse: “Nós temos um testemunho para partilhar agora.” Tratava-se de uma surpresa para mim, pois era o testemunho acerca da minha mãe. Estavam ali os meus irmãos a falar de quem foi a minha mãe e da minha ligação com a minha mãe. Naquela hora eu não resisti. Colocaram



algumas fotos da minha mãe. Foi um momento difícil. Vendo o testemunho dos meus irmãos, eu desfiz-me em lágrimas. E quando eu estava ali em lágrimas, entra o quarteto *Arautos do Rei* para cantar o hino “Um pouco mais, só um pouco mais”. E como se não bastasse, o meu irmão e a minha irmã entram no palco. Eles, que tinham dado o testemunho, segurando os cadernos em que a minha mãe escrevia as suas orações. E a minha mãe colocava o meu nome em praticamente todas as suas orações. Este foi um momento de muito impacto na minha vida. Eu não consegui resistir naquele momento. Fiquei feliz porque o testemunho da minha mãe, da sua vida, daquilo que ela fez pela sua família, pôde tocar muitas pessoas. E isso aconteceu realmente! Nós tivemos muitas pessoas que entraram em contacto, interagindo connosco naquele programa. Foi um momento difícil. As mães têm um papel muito importante, sobretudo quando os filhos têm esta responsabilidade pas-

toral. Ezequiel, se me perguntar: “O Pastor tem uma admiração grande pela sua mãe? Qual é a imagem que recordaria dela?” Eu responderia que a minha mãe foi a pessoa que mais influenciou a minha vida. Depois da minha mulher, naturalmente. Eu vivi em casa com a minha mãe vinte e um anos, até que saí de casa. Mas ela continuou a influenciar a minha vida pelo seu exemplo, pelas suas orações. Mas o momento mais marcante de que me lembro foi quando eu acordava de madrugada, quando era criança. Às vezes, eu mexia-me na cama e olhava para o lado. E o que via? Apenas a silhueta da minha mãe. Ajoelhada ao lado da minha cama. Uma mão na minha caminha, a outra mão na caminha do meu irmão. E ela ficava ali, de madrugada, orando pelos filhos. Ela era Católica e conversava com Deus. Uma vez perguntei à minha mãe: “Por que razão ficava tantas noites a orar por nós?” A resposta dela foi: “Para que Deus vos protegesse.” E a minha mãe não

imaginava que aqueles dois filhos por quem ela tanto orou se tornariam dois Pastores. Então, esta é uma imagem que eu gravo da minha mãe: Vê-la de joelhos, de madrugada, orando pelos filhos. É uma coisa incrível! E eu não tenho dúvidas de que as orações das nossas mães continuam a ser ouvidas por Deus. Mesmo depois de elas descansarem em Cristo, as suas orações continuam a ser atendidas por Deus.

**ED: Pastor, recentemente foi homenageado e também lhe fizeram uma surpresa, não é? Se calhar não tão emotiva como a que aconteceu em 2021, mas fizeram-lhe uma surpresa em relação à sua reforma lá no Brasil. Como foi isso?**

**AT:** Na verdade, já começaram as despedidas, porque este é o meu último ano. E eu nunca escondi que me iria reformar em 2025. Eu nunca escondi esta decisão, porque é uma decisão que nós tomámos há muito tempo como família. É algo muito raro alguém que ocupa uma função de grande responsabilidade saber sair bem. Como eu tenho um cargo eletivo, eu fui escolhido por uma Comissão de Nomeações, não numa Assembleia. Então, eu sempre estive muito tranquilo em dizer que me iria reformar. Isto eu nunca escondi. Agora começam as despedidas, porque, às vezes, eu participo num último encontro. E o que aconteceu recentemente não foi no Brasil, foi no encontro mundial do *Hope Channel*. Quando o Presidente mundial do *Hope Channel* foi à frente, para encerrar o programa, declarou que queria

**É algo muito raro alguém que ocupa uma função de grande responsabilidade saber sair bem!**

contar uma história de alguém que contribuía muito para o *Hope Channel* no mundo. De repente, começa a ser projetado um vídeo a contar um pouco da minha trajetória na *Novo Tempo*. Alguns colegas, como o Diretor do Centro de *Media* da Austrália, o Diretor do Centro de *Media* de Espanha, o Diretor do Centro de *Media* da Alemanha foram à frente. O Pastor Pedro Esteves, que é o Diretor da *Novo Tempo Portugal*, também fez o seu depoimento. Eu senti-me pequeno diante de palavras tão carinhosas e amáveis, e foi realmente emocionante receber este carinho. Eu disse lá, com poucas palavras, que não tinha feito nada, pois nós somos apenas instrumentos. Então o mérito nunca deve estar no ser humano. Mas nós entendemos que Deus usa as pessoas. Portanto, se, de alguma forma, eu pude dar um testemunho do que Deus fez na minha vida, fico feliz ao chegar a este momento e poder viver esta experiência. Assim, as despedidas têm este lado triste, as lágrimas, porque se vai deixar algo que é tão importante para nós, mas são também uma oportunidade de dar um testemunho.

**ED: Pastor António Tostes, muito obrigado por ter estado aqui conosco.**

**AT:** Foi um prazer!



Joaquim Nogueira  
*Diretor do  
Departamento de  
Mordomia da UPASD*

# Mordomia: A Inteligente Gestão da Vida

Quando me tornei Adventista, nos meus vinte anos, conheci um homem que, da sua condição simples e difícil de vendedor ambulante, se tornou num chefe de uma família numerosa, próspero, muito próspero, apenas porque, ao ler um simples texto bíblico, se lançou de joelhos por terra e disse: “Senhor! Quem sou eu para Te pôr à prova?” Certamente já adivinhou que ele acabara de ler Malaquias 3:10. Nesse momento, com emoção e com lágrimas, pronunciou mais estas palavras: “Ser-Te-ei, por toda a minha vida, fiel nos dízimos e nas ofertas.” Não colocou Deus à prova. Prosperou. E foi fiel até à morte. Contudo, mordomia, no meu entender, é muito mais do que dízimos e ofertas. A mordomia é a “Inteligente Gestão da Vida”.

Será que Mr. Carson, da série “Downton Abbey”, ou Mr. Penge, da série “Rainha Vitória”, eram os proprietários dos bens onde desenvolviam as suas funções? Claro que não! Eram apenas mordomos ou administradores dos bens dos seus verdadeiros senhores. O termo “mordomo”, de onde deriva a palavra “mordomia”, tem como significado “O Maior da Casa” (*Mor* = maior; *Domus* = casa), ou seja, o *CEO*, diríamos hoje, ou o gestor e administrador dos bens de uma entidade, de uma empresa ou de algum privado.

Podemos afirmar que, como seres humanos, não somos donos ou proprietários de coisa alguma! Mas então o “meu” carro? E a “minha” casa? E as “minhas” outras coisas? Não são minhas?

Fui eu que as adquiri com trabalho, suor e, por vezes, com lágrimas!

Na realidade, desenganemo-nos! Efetivamente não somos proprietários de nada. A única coisa que permanecerá nossa, ainda depois da morte, é o número de contribuinte. Quem sabe, ainda haverá algo a pagar da herança que deixamos à nossa prole.

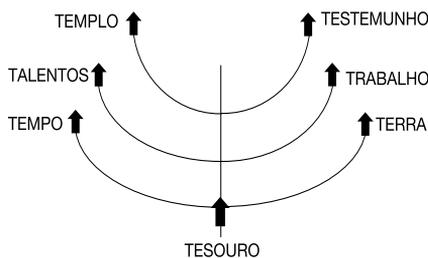
A dinâmica que desejamos implementar pela ação do Departamento de Mordomia da UPASD é, precisamente, convencer cada um de nós de que, na realidade, não somos proprietários de absolutamente nada, mas apenas gestores temporários de tudo quanto Deus colocou nas nossas mãos, inclusive a vida.

Num segundo aspeto, é nosso desejo que a visão redutora da noção de mordomia, limitada apenas à gestão dos dízimos e das ofertas, desapareça e seja alargada, se torne mais integrativa, abrangendo todas as áreas que envolvem os dons concedidos pelo verdadeiro Senhor a cada um dos seres humanos, Cristãos ou não. A prova é que muitos há no mundo que, apesar de não serem Cristãos, são muito zelosos e preocupados com os bens que lhes foram confiados, quer seja nas questões de saúde pessoal, nas preocupações climáticas ou em muitas outras áreas da vida humana.

Se não iniciarmos a construção pelos alicerces, o edifício abrirá brechas difíceis de reparar, podendo mesmo abrir graves fraturas que conduzirão à sua ruína. Nunca dá bom resultado iniciar-se a casa pelo telhado. Se DEUS não for o primeiro, bem podemos apelar para que contribuamos

## DEPARTAMENTO DE MORDOMIA

As Sete Áreas da Mordomia Cristã



A mordomia é um ato de culto e de serviço.

Fig. 1

com os dízimos e as ofertas, mas será sempre uma pressão à qual muitos sucumbirão, não alcançando as enormes bênçãos do “Fazei prova de Mim”!

Desta forma, ao ser chamado a desenvolver o Departamento de Mordomia, adicionei a um conjunto de quatro palavras preexistentes, todas iniciadas por “T”, e talvez a uma eventual quinta palavra, mais algumas palavras para formar os braços de um Candelabro (à semelhança de uma *Menorah* hebraica). Assim, surgem as Sete Áreas da Mordomia Cristã: Templo, Talentos, Tempo, Tesouro, Terra, Trabalho e Testemunho (Fig. 1).

Poderiam ser outras mais, certamente muitas mais. Mas o sete é o número da plenitude, tão característico da Bíblia Sagrada, o qual poderíamos afirmar ser a assinatura de Deus. Basta ver que a Bíblia Sagrada se inicia com sete palavras em hebraico e com 28 letras;  $4 \times 7$ , em que o quatro significa o Cosmos, ou seja, tudo o que foi criado, e o sete a plenitude, não havendo nada mais além disto.

Neste Quinquénio, a decorrer de 2022 a 2027, propusemo-nos desenvolver, ano após ano, uma estratégia

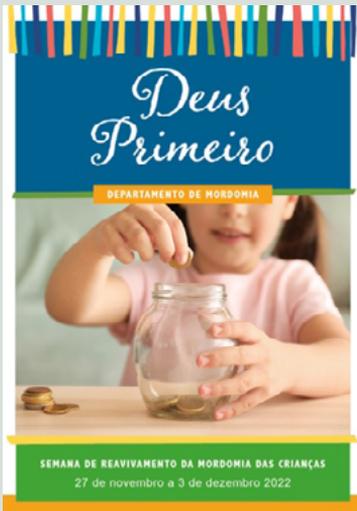


Fig 2

que nos pudesse conduzir, a todos, sem exceção, à noção de “DEUS PRIMEIRO”.

No intuito de dar corpo a esta missão, iniciámos a nossa atividade em 2022 com a brochura para a “Semana de Reavivamento da Mordomia das Crianças”, seminário já realizado em muitas igrejas. Disponibilizámos gratuitamente as revistas, para que todas as igrejas e crianças possam ser abençoadas por este programa. Temos de dar prioridade às crianças (Fig. 2).

Além disso, disponibilizámos, a partir de 2023, semanalmente, pequenos vídeos sobre a temática da mordomia,

produzidos pelo Departamento da Conferência Geral, traduzidos e editados pela *Novo Tempo Portugal*, os quais esperamos que sejam apresentados semanalmente, em cada igreja e em cada comunidade Adventistas, no momento do ofertório.

2024 foi o ano dos muitos Colóquios sobre Mordomia, de norte a sul do país, os quais envolveram muitos membros leigos e alguns Pastores, com um sucesso extraordinário na descoberta dos inúmeros talentos que permeiam as nossas fileiras. Fomos positivamente surpreendidos.

Em 2025, criamos a *EXPO-Mordomia – “Inteligente Gestão da Vida”*, com a construção de oito *tótemes* como expositores das sete áreas da mordomia e dos temas que as envolvem. Esta EXPO está à disposição de todas as igrejas, de forma gratuita, sempre que exista um espaço para a colocar (Fig. 3).

Em 2026 e até abril de 2027, desejamos implementar uma série de Estudos Bíblicos e não-bíblicos sobre Mordomia, um conjunto de vídeos sobre estas temáticas e outras *démarches* que o Senhor nos inspire. Que seja es- tritamente para Sua glória!

Sim! Queremos que DEUS SEJA O PRIMEIRO em tudo na vida. Permitam-me a paráfrase do hino que frequentemente cantamos:

**“Se Ele não for o primeiro no meu coração / Então já não há mais nada, / Não passa de uma ilusão!”** (Hino 314.)

Certamente todos cremos nisto. Mas será que agimos em consequência?!

Fig. 3





Tiago Alves  
*Diretor do Departamento  
de Jovens da UPASD*

# E se os jovens forem o presente da Igreja?

**Uma proposta prática para envolver os jovens hoje na liderança e na missão da Igreja.**

Uma boa pergunta, não te parece? Sim, até porque estamos habituados a ouvir que “os jovens não são o futuro, mas sim o presente da nossa Igreja”. É bonito de ouvir, mas talvez um pouco difícil de ver na prática, certo? Pois! Mas, e se...

E se existisse vontade e estratégia de dar aos jovens este privilégio de se assumirem e de se sentirem como já sendo o presente da Igreja, a quem são dadas oportunidades de serviço, de crescimento, de liderança e de missão? Quem sairia beneficiado? Os jovens, é óbvio! A Igreja, sem dúvida! Todos seriam beneficiados e o nome do Senhor e da Sua Igreja seriam engrandecidos.

Mas como tornar os jovens já o presente da Igreja? As estratégias e abordagens

poderão ser diversas, mas existe uma com a qual o Departamento de Jovens da UPASD se identifica e com a qual tem desafiado as igrejas em Portugal a refletirem e a implementarem, o “**Mês Jovem**”. Esta estratégia procura proporcionar aos jovens experiências de liderança espiritual, administrativa e de serviço, atribuindo-lhes durante um mês os cargos da igreja local. Sim, a igreja é dirigida durante o “**Mês Jovem**” por jovens que, sempre sob a supervisão pastoral, refletem, planificam, executam e avaliam o plano de ação da igreja durante este período especial.

Parece-te bem? Talvez estejas a pensar: “Isto não é para a minha igreja!”, ou então: “Na teoria, até parece ser apelativo; mas, na prática, talvez não resulte.” Não sabemos se é



aplicável ou não na tua igreja, só experimentando é que se saberá, mas uma coisa é certa, o **“Mês Jovem”** é realmente apelativo, desafiante, e, na prática, resulta. Sim, resulta! Resultou, em 2023 e em 2024, nas igrejas de Coimbra, de Tomar, de Sacavém e da Brandoa, entre outras. Queres ouvir alguns testemunhos de jovens como tu que estiveram envolvidos nesta estratégia? Então, vamos lá!

**O “Mês Jovem” é realmente apelativo, desafiante, e, na prática, resulta!**

“O ‘Mês Jovem’ foi uma experiência muito enriquecedora tanto a nível espiritual como pessoal. Na minha opinião, com a implementação desta ideia, a Igreja Adventista em Portugal poderá perceber a perspectiva dos jovens relativamente às necessidades da Igreja e como os mesmos as procuram satisfazer. Esta geração tem muito potencial para espalhar a mensagem do Evangelho. No entanto, se a Igreja só pensar nela como um futuro distante e não como um presente (ativo), a Igreja perderá excelentes obreiros em todos os ministérios.”

**Rute Boa Morte**

23 anos

Igreja de Coimbra



“O ‘Mês Jovem’ foi bom, pois deu para conhecermos aprofundadamente os cargos da nossa igreja. Durante este mês fomos verdadeiros auxiliares de Deus na Sua casa. Tivemos atividades que mobilizaram todos os jovens para a Causa e possibilitaram uma integração diferente com os mais velhos. Foi tão importante que, hoje, sou Diretora do Departamento dos Ministérios da Criança.”

**Joana Ferreira Martins**

Gaião | 23 anos

Igreja de Tomar





“O ‘Mês Jovem’ é uma grande oportunidade para experimentar os cargos da igreja pelos quais sentimos maior interesse. É uma espécie de ‘Universidade de verão’, que é um programa que algumas Universidades oferecem e que nos permite experimentar os cursos para onde gostaríamos de ir. Neste caso, podemos colocar-nos no lugar dos encarregados pela organização das atividades da igreja. Ao longo destes últimos dois anos, tive a oportunidade de ser ancião, chefe de diáconos e de colaborador nas atividades dos Tiçõs, todas experiências excelentes, embora, por vezes, difíceis (especialmente fazer uma pregação). Acho que é uma forma ótima de abrir a nossa visão sobre os múltiplos cargos da igreja!”

**José Miguel Peixoto**

16 anos

Igreja de Coimbra



“Foi uma experiência nova e interessante. Ao assumir responsabilidades na igreja sinto que estou incluído em fazer a obra do Senhor.”

**Daniel Costa**

17 anos

Igreja de Sacavém



“Senti-me muito bem, pois normalmente não estamos habituados a dirigir certo tipo de atividades na igreja: A meditação, o culto no Sábado, recolher ofertas, entre outras. Motivou-me muito saber que tinha algo a cumprir, responsabilidades a assumir. Foi muito bom, e penso que os outros jovens sentiram o mesmo. Espero repetir mais vezes.”

**Carolina Ferreira**

14 anos

Igreja da Brandoa



**Que tal desafiases a tua igreja a implementar o “Mês Jovem”?**



# Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal

(Parte V)

Chegamos ao fim deste trabalho, sempre com o objetivo de participar nas Comemorações dos 120 anos do surgimento do Movimento Adventista em Portugal.

Procuraremos cruzar as fontes que Rentfro nos dá no seu *Diário* e na *Review and Herald* com o historial de António Dias Gomes, que está também envolvido nas origens do Movimento Adventista na região norte. Vamos também cruzar tudo isso com as fontes deixadas pelo Pastor Ernesto Ferreira no seu livro *Arautos de Boas Novas*.

Assim, na *Revista Adventista* de julho de 1952, na página 8, João de Sá relembra o episódio apresentado no artigo anterior: “Esse confronto (que se deu nos finais do século XIX) foi feito na Biblioteca Nacional do Porto. As Bíblias dos dois irmãos e a Bíblia da tradução e da edição Católicas de Figueiredo fo-

ram ali postas frente a frente, lidas e examinadas. A conclusão foi decisiva. Na tradução e na edição Católicas não havia nada que não estivesse textualmente escrito nas Bíblias de Joaquim e de Sebastião. Depois desse exame, ficaram bem tratados que entre as doutrinas romanas e a Bíblia existia um contraste flagrante. Resolveram seguir as doutrinas bíblicas e não mais voltaram à Igreja.”

O tempo vai passar, transcorrendo mais ou menos uns 15 ou 20 anos, e aparece novamente o Carmesim, mas com outras “novas”. Já verificámos a primeira “nova” e, agora, estamos a analisar a segunda, que diz respeito ao Sábado.

A Igreja Lusitana é muito afirmativa no seu *Catecismo* à página 27: “Porque guardamos o domingo como dia principal de culto? – Guardamos o domingo como dia principal de culto porque foi no primeiro dia da semana que o nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou de entre os mortos.”

Para Carmesim, a nova do Sábado foi uma grande descoberta e, por

***Procuraremos cruzar as fontes que Rentfro nos dá no seu Diário e na Review and Herald com o historial de António Dias Gomes, que está também envolvido nas origens do Movimento Adventista na região norte.***

isso, não a guardou só para si; lembrou-se dos dois irmãos de Vila Meã.

Cruzando as fontes do *Diário* de Rentfro com o historial de António Dias Gomes, publicado na *Revista Adventista* de agosto de 2022, página 36, descobrimos que “foi no início de 1908 que entrou a Bíblia na nossa casa”. Existe aqui um desfazamento de anos, porque Rentfro vai vender uma Bíblia a Joaquim Dias Gomes no dia 14 de fevereiro de 1907.

Em 10 de fevereiro de 1908, o *Diário* diz que Rentfro vai para o Porto de comboio e visita o irmão Gomes (em Gaya). No dia 13 de fevereiro de 1908, continua a estar com o irmão Gomes, em Gaya, e, em 15 de fevereiro de 1908, organiza a igreja de Gaya, sendo o primeiro Sábado passado com o irmão Gomes. Em 18 de fevereiro de 1908, Rentfro diz que está no Porto e, no dia 20 de fevereiro de 1908, está na companhia do irmão Gomes (em Gaya). A *Review and Herald* de 23 de abril de 1908, na página 18, diz que Rentfro vai ao Porto para ajudar Schwantes nas campanhas evangelísticas.

Em 7 de julho de 1908, no *Diário*, Rentfro diz que estava no Porto. E a *Review and Herald* de 23 de julho de 1908, na página 12, diz que Schwantes estava a fazer planos para regressar ao Brasil.

A *Review and Herald*, de 5 de novembro de 1908, na página 12, dá-nos uma indicação de que o evangelismo de porta a porta não é permitido. Em relação aos batismos, diz que “em 1908 foram batizadas, no Porto, onze almas, quatro foram para o Brasil, duas almas mudaram-se para a zona fronteiriça de

## ***Para Carmesim, a nova do Sábado foi uma grande descoberta e, por isso, não a guardou só para si!***

Espanha, uma morreu, uma mudou-se para Lisboa e três apostataram”.

No historial de António Dias Gomes, lemos que, na primavera de 1908, o pai, Joaquim Dias Gomes, ficou a saber que Rentfro era o Diretor da Missão Adventista Portuguesa e que ele anunciou a sua visita aos “desterrados” de Vilar de Perdizes, sendo que estes, no fim de 1909, foram obrigados a sair deste lugar.

É bom referir que, a partir de 31 de dezembro de 1908, o *Diário* encerra o seu trabalho como fonte muito importante para fazermos os referidos cruzamentos documentais. A partir deste momento, vamos usar uma das fontes mais importantes que temos no nosso Movimento, escrita pelo Pastor Ernesto Ferreira: O livro *Arautos de Boas Novas*, que celebra o Centenário da Igreja Adventista em Portugal.

Na página 110 do referido livro, lemos: “1908 decorreu sem notícias de vulto, mas, em compensação, 1909 foi um ano de factos notáveis. Embora no princípio deste ano (1909), o Pastor Schwantes tenha regressado ao Brasil, e a obra no Porto tenha sofrido pela ausência de um obreiro.” O Pastor Ferreira continua, na página 112: “Em 1911, começa a trabalhar em Lisboa o jovem obreiro Paulo Meyer, procedente da Suíça, passando Rentfro a ocupar-se do trabalho no Porto, mantendo-se ainda como Presidente da Missão Portuguesa.”

De acordo com os relatórios da União Latina, no fim de 1914, a igreja de Lisboa tinha 60 membros e a igreja do Porto tinha 22 membros, figurando a Missão Portuguesa com um total de 82 membros.

Entretanto, Rentfro, em 28 de janeiro de 1917, recebeu um convite para trabalhar no Brasil, e embarcou com a sua família em 17 de março de 1917. A Missão Portuguesa nesta data tinha 102 membros, 78 em Lisboa e 24 no Porto, e ficava confiada apenas a dois obreiros: Paulo Meyer, em Lisboa, e Alberto F. Raposo, no Porto.

Retomemos o relatório de 1992 feito pelo Pastor Dias Gomes, publicado na *Revista Adventista* de agosto de 2022, 30 anos depois da redação do seu manuscrito. Tinha, então, 91 anos, vindo a falecer em 14 de janeiro de 1994, dois anos depois da publicação do seu manuscrito. Vejamos alguns dados importantes para o desenvolvimento da obra na região norte.

Em 1913, no outono, Rentfro pensou em estabelecer outro centro de evangelização em Portugal, e decidiu que seria em Viana do Castelo. O evangelista escolhido foi Alberto de Figueiredo, que devia juntar-se a Joaquim Dias Gomes nesse esforço de evangelização de Viana do Castelo e arredores. A Escola Sabatina começou a funcionar no segundo trimestre de 1914, com quatro membros apenas. A I Guerra Mundial alterou por completo o projeto. Rentfro irá para o Brasil em 1917, como dissemos anteriormente.

Entretanto, em 1912, na primavera, Rentfro e a família estão no Porto, mas residiam em Vila Nova de Gaia,

no Largo da Bandeira, 93, e, desde aí, Rentfro prestava a sua assistência ao pequeno grupo que ainda se reunia na primeira sala, na Rua do Bonfim, 124, no Porto.

No entanto, pouco tempo depois, a família está a viver e a arrendar uma sala de culto na Rua da Boavista, 145.

Encontramos no *Arauto da Verdade* de 1912, meses de fevereiro, março e abril, uns anúncios de conferências públicas e estudos bíblicos no Porto, já na Rua da Boavista, 145, aos domingos, às terças-feiras e às quartas-feiras, às 20 horas. E também em “Garja”. Creio que deve haver erro de tradução ou de ortografia, porque deve ler-se Gaya, ou, mais propriamente, Vila Nova de Gaia. Aí, as reuniões são às segundas-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras, às 20 horas, e todas no Largo da Bandeira, 93, em Vila Nova de Gaia.

Esta informação diz-nos que a mudança da Rua do Bonfim teria sido no fim de 1911, porque, entretanto, em 1911, começa a trabalhar em Lisboa o jovem obreiro Paulo Meyer, procedente da Suíça, passando Rentfro a ocupar-se do trabalho no Porto, como também já referimos. Não podemos esquecer que o Porto está sem obreiro desde 1909.

Entretanto, em agosto de 1912, a esposa de Rentfro e os seus três filhos vão passar férias nos Estados Unidos da América, e seis meses depois vai ele gozar as suas merecidas férias.

Novamente, em 1913, mudaram a sala de culto para a Rua de Santa Helena, 41. Em 1914, para a Rua da Firmeza, 14, e, em 1915, para a Rua Latino Coelho, 265. Todas estas mudanças ocorreram no tempo de Rent-

fro, até 1916, porque, em 1917, ele vai para o Brasil.

No tempo do Pastor José Abella (1921-1928) mudou-se a sala de culto para a Rua Heliodoro Salgado e, em 1926, a igreja do Porto tinha 38 membros.

José Abella vai ser substituído por Manuel Lourinho, que, em meados de 1930, efetuou a mudança da sala de culto para a Rua do Bonjardim, 472, 1º. No entanto, a Direção da Obra pediu à congregação que arranjasse outro local, porque a renda deste era muito cara. Em outubro de 1935, era obreiro Fernando Simões, e efetuou-se nova mudança da sala de culto para a Rua Alves da Veiga. Em setembro de 1938, o novo obreiro Otto Ide muda a sala de culto para a Rua

**“E finalizo estas histórias sobre as atividades da Escola Sabatina, que muito me ensinou e continua a ensinar, declarando que é com prazer que continuo a estudar as lições propostas no Trimensário (atualmente, *Manual de Estudo da Escola Sabatina*), o mais útil material publicado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.”**

de Santo Ildefonso, 376, 2º. De 1941 a 1945, trabalharam nesta igreja os Pastores Manuel Leal e Marcelino Matos Viegas. Em março de 1948, foi inaugurado o atual templo, situado na Rua Ferreira Cardoso, 103. Ao longo dos anos, desta igreja irradiou o trabalho para diversos locais, como Gaia e Vila Meã, entre muitos outros.

Voltando ao relatório do Pastor António Dias Gomes, ele passa a narrar o que se lembra da sua vida de Igreja, especialmente da Escola Sabatina. Na página 44, diz: “A Lição da Escola Sabatina, da Igreja Adventista do Sétimo Dia tem de ensinar verdades absolutas, ou seja, verdades claríssimas, assentes nas Sagradas Escrituras. O Professor, Monitor (atualmente Dinamizador) da Escola Sabatina tem uma das funções mais úteis e mais indispensáveis dentro da sua igreja, e a hora da realização dessa Escola é a mais sagrada denominacionalmente.” E conclui magistralmente assim: “E finalizo estas histórias sobre as atividades da Escola Sabatina, que muito me ensinou e continua a ensinar, declarando que é com prazer que continuo a estudar as lições propostas no Trimensário (atualmente, *Manual de Estudo da Escola Sabatina*), o mais útil material publicado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (Lisboa, 18 de fevereiro de 1992).”

Que lucidez de espírito, apesar dos seus 91 anos! Desde o dia 14 de janeiro de 1994 aguarda a ressurreição.

Da minha parte, creio que ainda há muito para se fazer, além da recolha das informações coligidas ao longo destes anos todos, que, afinal, já são mais de 120 anos. Segui bem de perto



Reunião da Juventude do Porto, a 31 de dezembro de 1935.

o conselho de Lucas, no Prefácio do Evangelho que tem o seu nome, isto é, tratei de fazer “uma narração coordenada dos factos que entre vós se realizaram (...) depois de haver investigado tudo cuidadosamente desde o começo (...) [para] escrever-te uma narração em ordem”. Dentro dos meus conhecimentos sobre a História da Obra Adventista em Portugal, especialmente na região norte, recolhi todos os documentos, alguns dos quais, para mim, são de referência. Outros são de autores que não são Adventistas do Sétimo Dia. Afinal, passaram-se mais de 120 anos, o que perfaz, pelo menos, quatro gerações de 30 anos cada.

O meu objetivo neste trabalho foi investigar todos os factos que, indireta ou diretamente, poderiam trazer luz sobre a origem histórica dos acontecimentos. Reconheço que alguns dados precisam de ser mais bem trabalhados, mas tal só será possível com novos documentos, porque

as testemunhas oculares e, entre elas, os Ministros da Palavra, já não fazem parte dos vivos.

É provável que não tenhamos uma compreensão integral deste assunto no nosso tempo de vida, em questões que nos ultrapassam e que são mais antigas do que a nossa memória, que, por sinal, é muito fraca e limitada. Não devemos desprezar o passado, as circunstâncias em que se deram todos estes factos. Muitas vezes é bom lermos nas entrelinhas dos documentos.

Termino com a parte final do artigo de Pedro Olavo Simões (Coordenador Editorial da revista *JN História*) no trabalho da página 3, do *Jornal de Notícias*, nº 47, de dezembro de 2023: “Como nas lutas do nosso quotidiano, em que o conhecimento da natureza humana, das pessoas ou dos factos nos ajuda a tomar decisões ou a discernir comportamentos, nenhuma ação humana é inteligível, se descartamos o seu lastro de passado.”



Narciso, na mitologia grega, era um jovem bonito, que, ao ver a sua imagem refletida, se apaixonou por si mesmo e se tornou indiferente aos outros. No meio científico, de forma consistente, tem aumentado, nos últimos anos, o número de artigos publicados sobre a Perturbação de Personalidade Narcisista (PPN). Também na Sociedade em geral, cada vez se fala mais sobre o tema. Como identificar um narcisista? Quais são as causas deste transtorno? Como é que esta perturbação afeta os relacionamentos e como se deve lidar com alguém assim, sobretudo no seio da família ou da Igreja? Poderá ser este fenómeno psicossocial mais um dos sinais dos tempos em que vivemos? Tentaremos responder a estas perguntas ao longo deste artigo.

O narcisista é tipicamente alguém caracterizado por uma excessiva necessidade de admiração e de validação externa (aplausos), por falta de empatia pelos outros e por sentimentos de grandiosidade. Tende a ter uma ideia exagerada sobre os seus atributos, enquanto subestima os dos outros. Quando as coisas correm bem, fica com a glória; quando correm mal, a culpa é dos outros. Fala muito de si mesmo e não mostra mui-

to interesse real nos outros. Preza muito a sua imagem, de forma que negará qualquer facto que a possa denegrir. Se confrontado com alguma questão difícil, responde de forma elaborada, mas também superficial, evitando ser específico e claro nas suas respostas. Quando lhe convém, acha-se no direito de quebrar as regras e tem sempre a expectativa de ser publicamente reconhecido pelo seu trabalho. Sabe tratar bem as pessoas, quando vê que elas podem ser importantes para alcançar os seus objetivos; mas tende a tratar mal todas as restantes que lhe estão próximas. Se se sente ameaçado na sua posição, torna-se agressivo e pode tentar silenciar e intimidar quem lhe faz frente. Não é verdadeiramente empático com os outros, mas assume facilmente o papel de vítima, de forma a granjear a empatia para si. Basicamente, é um manipulador e procura dominar e controlar o ambiente à sua volta. Tende a ser carismático, visionário e empreendedor, mas deixa os pesados detalhes dos seus planos grandiosos ao encargo daqueles que estão sob a sua influência.



## Um narcisista na família

Porque estamos a falar de um transtorno de personalidade, é preciso recordar que, na maioria dos casos, o narcisista, embora reconheça a insatisfação nas pessoas que o rodeiam, por falta de verdadeira empatia não chega a compreender a sua responsabilidade nessa insatisfação. Outro ponto importante a salientar é que, embora a maioria das pessoas revele esporadicamente traços narcisistas no seu modo de ser, uma pessoa com este transtorno terá um histórico de relacionamentos abusivos transversal à sua vida profissional, familiar, relacional e romântica. Quais são as causas deste transtorno? Os especialistas apontam duas: Experiências traumáticas na infância ou uma educação deformada, com pais muito condescendentes e permissivos que mimaram e idealizaram muito a criança.

Escusado é dizer que ter um narcisista em casa ou ter de se relacionar com um é um verdadeiro pesadelo. Embora estejam identificados, pelo menos, dez tipos diferentes de narcisismo, o denominador comum a todos eles é o exacerbado egocentrismo e a forma abusiva como trata os outros. O relacionamento tem fases distintas, e, no início, tudo é fantástico. A outra pessoa é feita sentir-se num pedestal, como sendo única e maravilhosa. Gradualmente, entretanto, vai-se instalando um ambiente de crítica subtil, falta de empatia e de validação, comparação com outros, jogos mentais aparentemente inofensivos, passando depois para a agressão verbal, para a humilhação e para a ridicularização. Nesta fase hostil é frequente também o uso de *gaslighting*, uma forma de abuso

psicológico através da qual o narcisista tenta manipular a vítima de forma que ela chegue a duvidar de si mesma. Em função da reação gerada nesta fase, é possível entrar numa terceira fase, em que as duas primeiras irão repetir-se na mesma ordem, novamente um tratamento extremamente bom para se voltar a cair no desprezo e no antagonismo. Uma última fase poderá ser a de o narcisista simplesmente descartar o relacionamento de forma rápida e cruel ou a própria vítima tentar fazê-lo. Neste caso, o narcisista poderá tentar reatar o relacionamento com o tratamento especial de conquista inicial. O objetivo do narcisista num relacionamento não é encontrar amor, mas obter admiração e controlo, e, assim, a saúde mental da outra pessoa é gravemente afetada. Quando assim é, a ajuda profissional poderá ser necessária.

Como se lida com um narcisista? Confrontá-lo com este diagnóstico poderá não ser uma boa ideia. A Ciência não oferece cura para esta perturbação. Mas, como Cristãos, cremos que existe um Deus que pode curar todas as enfermidades (Salmo 103:3), acreditamos no poder do Evangelho (João 1:12). Precisamos de entender estes assuntos para reconhecer e identificar comportamentos que não são normais, de forma a sermos menos afetados e a pedirmos ajuda atempadamente. Os jovens precisam de conhecer o assunto ao considerarem a escolha de um cônjuge. Realce-se também o papel dos pais na educação dos filhos. O acentuar do narcisismo na Sociedade cumpre, de facto, a profecia de Paulo acerca dos últimos dias (II Timóteo 3:1-5).



ESPAÇO JUVENIL

Heróis da Bíblia



Conceição Lagoa

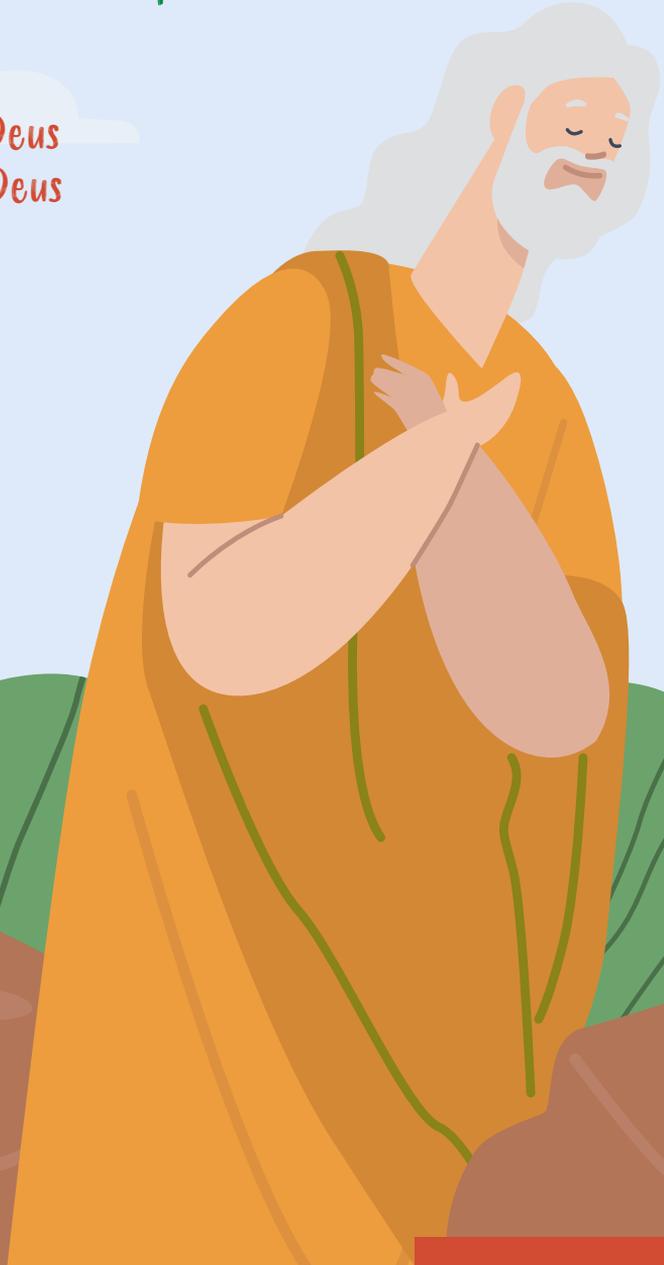
*Diretora-Associada da Área da Família da  
UPASD para os Ministérios da Criança*

# ENOQUE

## O amigo de Deus que subiu ao Céu

“Enoque andou com Deus  
e já não era, porque Deus  
o tomou para si”

(Gênesis 5:24).



## História Bíblica

Enoque foi um homem muito especial porque andava com Deus todos os dias da sua vida.

Quando tinha 65 anos, nasceu o seu filho, Matusalém. A partir daí, a sua vida mudou ainda mais. Tornou-se mais próximo de Deus, compreendeu melhor o Seu amor e sentiu uma grande responsabilidade como pai. Ele pensava: *“Se eu amo tanto o meu filho, imagina quanto Deus nos ama!”*

Enoque viveu num tempo difícil, em que muitas pessoas se tinham afastado de Deus. Mas ele escolheu seguir um caminho diferente: Amar, obedecer e confiar totalmente em Deus. Enoque pregava, e muitas pessoas ouviam-no, outras gozavam com ele e com a sua mensagem, mas Enoque nunca desistia.

E, assim, Enoque andou com Deus durante 365 anos. Todos os dias ele conversava com o Senhor, pensava n’Ele, obedecia aos Seus mandamentos e recusava fazer qualquer coisa que O ofendesse. Enoque orava: *“Ensina-me o Teu caminho, meu Deus. O que queres que eu faça para Te agradar?”* Sabes Quem era o Deus com Quem Enoque andava? Era Jesus, o nosso Salvador!

Enoque foi o primeiro ser humano a entrar na Cidade Celestial! Sim, Deus fez algo incrível: Levou Enoque para o Céu sem ele morrer! Ele enviou os Seus anjos para o virem buscar. Foi a recompensa de uma vida inteira de fidelidade e de amizade com Deus.

Ele sabia que Jesus viria com os Seus anjos para julgar o mundo, como diz a Bíblia:

*“E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos”* (Judas 14).

## O que Aprendi com Enoque?

Enoque ensina-nos que é possível andarmos com Deus, mesmo quando os outros escolhem fazer o que está errado. Ele mostrou que viver ligado a Jesus não é impossível – é uma escolha que fazemos todos os dias!

Enoque não andava com Deus só ao Sábado, mas todos os dias da semana! Ele andava com Jesus – o mesmo Jesus que hoje te ama e te convida a andares com Ele!

## “Eu Vou, Iremos Todos!”

Queres ser como Enoque? Então:

- Ora todos os dias.
- Lê a Bíblia com atenção.
- Obedece a Jesus.
- Foge do que sabes que não agrada Deus.
- Ajuda os outros a conhecerem o amor de Jesus.
- Diz com confiança: *“Eu vou andar com Deus, como Enoque!”*

## Desafio ou Atividade

Desenha Enoque a ser levado por anjos para o Céu, e escreve a frase: *“Eu também quero subir para o Céu com Jesus!”*

Coloca o desenho num lugar onde possas vê-lo e lembra-te, todos os dias, de escolher ir para o Céu com Jesus!



recursos.  
adventistas.  
org.pt/criancas/  
documentos/espaco-  
juvenil-herois-da-  
biblia-junho-2025/

## Aponta o telemóvel e descobre as surpresas!

Explora o QR Code e encontra:

- Uma mensagem especial de Enoque.
  - Um jogo sobre Enoque.
  - Um certificado.



# Brevemente!



AUTOR:  
Pavel Goia

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00  
E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870

Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais  [facebook.com/PSerVir](https://facebook.com/PSerVir)  [instagram.com/PSerVir](https://instagram.com/PSerVir)